

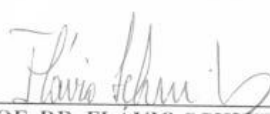
ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA

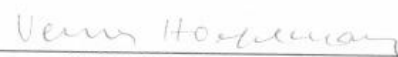
SIDNEY MATOS DA SILVA

STANLEY MILGRAM E A INTERPRETAÇÃO SECTÁRIA
NOS TEXTOS DE QUMRAN

SÃO LEOPOLDO - RS
2013

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador: 
PROF. DR. FLÁVIO SCHMITT (PRESIDENTE)

2º Examinador: 
PROF. ME. VERNER HOEFELMANN (EST)

SIDNEY MATOS DA SILVA

STANLEY MILGRAM E A INTERPRETAÇÃO SECTÁRIA
NOS TEXTOS DE QUMRAN

Trabalho Final de Mestrado Profissional
para obtenção do grau de Mestre em
Teologia do Programa de Pós-Graduação
da Escola Superior de Teologia.

Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da
Bíblia

Orientador: Flávio Schmitt

SÃO LEOPOLDO - RS
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586s Silva, Sidney Matos da
Stanley Milgram e a interpretação sectária nos
textos de Qumran / Sidney Matos da Silva ; orientador
Flávio Schmitt. – São Leopoldo : EST/PPG, 2013.
93 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2013.

1. Hermenêutica. 2. Milgram, Stanley. 3. Bíblia –
Hermenêutica. 4. Bíblia – A. T. Habacuque – Crítica,
Interpretação, etc. 5. Qumran, Comunidade de . I.
Schmitt, Flávio. II. Título.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa visa a verificar quais fatores psicossociais presentes em determinado ambiente favorecem ou determinam a fixação de uma nova interpretação de um texto ou situação. Tomou-se como base o experimento de Stanley Milgram realizado para determinação dos fatores que impõem um determinado comportamento. A pesquisa comprova a hipótese de que os fatores que impõem comportamentos também estão presentes na imposição de uma determinada interpretação. Para tanto, no primeiro capítulo, analisou-se o experimento realizado por Milgram na Universidade de Yale em 1962 a respeito da obediência à autoridade, e deste experimento retirou-se as variáveis determinantes do comportamento dos voluntários. No capítulo segundo analisou-se os escritos sectários da comunidade do Mar Morto, especificamente a de Qumran, verificando que houve mudanças de interpretação do texto canônico tomando como referência o livro de Habacuque. No terceiro capítulo apresenta-se a comprovação que os mesmos fatores presentes no experimento de Milgram se encontravam na comunidade de Qumran e que estes foram refletidos nos textos sectários. Também são apresentados outros eventos históricos que evidenciam a presença das variáveis estudadas confirmando a hipótese. Na sequência, apresentam-se sugestões de análise complementar que podem direcionar uma futura investigação científica.

Palavras chave: Qumran; Milgram; Interpretação; Mar Morto.

ABSTRACT

The aim of this research is to verify which psychosocial factors present in a certain environment determine or favour the establishment of a new interpretation of a text or situation. The Stanley Milgram experiment to determine which factors impose certain behaviors was used as the starting point. This research proves the hypothesis that the factors which impose behaviors are also present in imposing a specific interpretation. For this purpose, in the first chapter, the experiment carried out by Milgram in Yale University in the year 1962 concerning the obedience to authority was analyzed, and from this experiment were drawn the variables which determine the behavior of the volunteers. In the second chapter, the sectarian scriptures of the Dead Sea community, specifically of Qumran were analyzed, verifying that changes of interpretation of the canonical text occurred, focusing on the book of Habakkuk. In the third chapter it is demonstrated that the same factors presented in the Milgram experiment were found in the Qumran community and were reflected in the sectarian texts. Other historical events are also shown which provide evidence of the same variables confirming the hypothesis. In sequence, some suggestions are made for further future scientific analysis.

Keywords: Qumran; Milgram; Interpretation; Dead Sea

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1. O EXPERIMENTO DE MILGRAM.....	10
1.1. Descrição do experimento	10
1.2. A realização.	14
1.3. Resultados	18
2. OS TEXTOS DE QUMRAN.....	25
2.1. Os manuscritos descobertos.	25
2.2. Histórico da comunidade e sua forma de viver.....	28
2.3. A interpretação sectária no <i>peshet</i> de Habacuque.....	35
3. OS TEXTOS DE QUMRAN E AS VARIÁVEIS DE MILGRAM.....	50
3.1. Verificação das variáveis de Milgram em Qumran	50
3.2. A presença das variáveis em outros exemplos históricos	55
3.2.1. A Reforma Protestante	55
3.2.2. O advento do cristianismo primitivo	58
3.2.3. A Revolução Francesa	61
CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS DE NOVAS PESQUISAS.....	66
REFERÊNCIAS	70
ANEXO A – PESHER DE HABACUQUE – PORTUGUÊS	72
ANEXO B – PESHER DE HABACUQUE – FAC SÍMILE	82

INTRODUÇÃO

A interpretação dos textos bíblicos passa por um processo hermenêutico com suas regras e procedimentos específicos. No entanto, verifica-se que os conteúdos das novas interpretações principalmente no processo de contextualização são de difícil determinação, ficando a subjetividade como protagonista na elaboração destes conteúdos.

No entanto, a fixação de uma determinada interpretação, qualquer que seja ela, pode ser resultado de alguma estrutura psicossocial de base que possa servir de elemento determinativo.

Este fenômeno é importante, pois, quando se trata de uma contextualização de um texto bíblico, precisamos entender quais os mecanismos pelos quais esta se dá e quais os fatores que influenciaram na fixação da nova interpretação.

Ao longo dos séculos, muitas interpretações hermenêuticas têm sido dadas a textos bíblicos diversos, tornando importante o estudo deste fenômeno e as causas que as originaram.

Diante deste quadro, temos questões que precisam ser respondidas e estudadas de forma científica, para que possamos ter ferramentas para entendimento e previsão dentro de um arcabouço teórico.

Quais as variáveis presentes em um ambiente responsáveis pela facilitação ou origem do desenvolvimento de uma nova interpretação que se impõe sobre um determinado texto bíblico? Quais os sinais que podemos monitorar para que se possa prever que uma nova interpretação está a caminho e que pode aparecer a qualquer momento?

Na tentativa de resposta a estas questões, esta pesquisa fará uso dos resultados do experimento de Stanley Milgram realizado em 1962 na área de psicologia social, que estudou as causas da imposição de comportamento às pessoas, comportamentos estes que poderiam ir inclusive contra os princípios morais delas.

O experimento verificou que, em determinadas condições, pessoas comuns podem agir de maneira estranha ao seu perfil ético-moral, podendo até ser consideradas “más”.

A hipótese de trabalho adotada nesta pesquisa é que as variáveis que possibilitam a imposição de comportamentos podem ser as mesmas daquelas que impõem interpretações. Dado que nosso comportamento, aprovado por nossa consciência, depende da interpretação que damos aos fatos ao nosso redor, antes do comportamento realizado, há uma interpretação adotada do contexto.

Sendo as circunstâncias que impõem comportamento, cientificamente conhecidas, podemos por inferência entender que estas são as mesmas que vão impor interpretações.

Assim, no aparecimento destas circunstâncias, podemos supor que a estas se seguirá uma alteração de interpretação que para nosso estudo se relacionará ao texto bíblico.

A Comunidade de Qumran será escolhida como ambiente de estudo, visto que, pelos textos encontrados, adotou uma interpretação peculiar e própria dos textos bíblicos¹. A existência nesta comunidade dos fatores retirados do experimento de Milgram será uma indicação que não somente comportamentos podem resultar destes fatores, mas interpretações.

Espera-se que, se a hipótese for confirmada, os resultados possam ser extrapolados para entendimento dos fatores que levaram às mudanças na interpretação de textos bíblicos em outros momentos na história e também no monitoramento destas variáveis no sentido de prever o momento de aparecimento de uma mudança de interpretação resultado de uma contextualização.

Faz-se necessário, neste ponto, explicitar que não pretendemos pesquisar sobre as causas ou origens de novas interpretações, mas pesquisar as variáveis presentes em um *Sitz im Leben* que possam prover terreno fértil para o aparecimento e fixação de uma nova interpretação.

Para comprovação da hipótese, será utilizado como referencial teórico os resultados do experimento de Milgram realizado na Universidade de Yale em maio de 1962.

Stanley Milgram determinou os principais fatores que estão presentes na imposição de comportamentos.

¹ Esta interpretação peculiar se apresenta nos textos originários da Comunidade, particularmente naqueles que tratam exclusivamente de "interpretações", ou seja, os *pesharim*, que serão abordados mais adiante.

A pesquisa pressuporá que o comportamento adotado pelo “voluntário” no experimento é análogo a uma “interpretação” determinada sobre um texto bíblico adotado por uma comunidade, ambos influenciados pelas mesmas variáveis, resultado de um acordo tácito com uma autoridade colocada sob as mesmas condições psicossociais do experimento.

Situação parecida ocorre com a revolução científica no modelo explicitado por Thomas Khun, quando as pesquisas giram em torno de determinado paradigma resultado de um acordo implícito da comunidade acadêmica que direciona os resultados para um determinado viés.

Será utilizado, também, outro referencial teórico relacionado à comunidade de Qumran. A proposta mais amplamente aceita entre os pesquisadores a respeito desta comunidade é que ela era composta por essênios, baseando este entendimento principalmente nas declarações de Flávio Josefo e Plínio, O Velho.

A análise dos textos sectários da comunidade, em especial a Regra da Comunidade (1QS), o Rolo do Templo (1QT) e o Documento de Damasco (CD), mostra um posicionamento teológico dos sectários de forma peculiar relativamente ao texto bíblico, atribuindo a si mesmos o cumprimento das profecias dos textos escatológicos de então, principalmente do Livro de Enoque.

Desta forma, houve um ambiente gerador que deu origem a esta interpretação particular que se impunha sobre os membros da comunidade, fazendo-os obedecer de forma irrestrita. A nova interpretação dos textos impunha comportamentos característicos.

A hipótese na qual se baseia a pesquisa é considerar que os elementos geradores da nova interpretação dos textos bíblicos são os mesmos que impunham o comportamento dos sectários e estes por sua vez, são os mesmos apresentados no experimento de Stanley Milgram.

Comprovada esta hipótese, pode-se inferir que de forma geral estes elementos estejam presentes em outras situações de mudanças de interpretação hermenêutica, como por exemplo, o advento do cristianismo, a Reforma Protestante, a Lei de Moisés para o povo judeu. Todos estes casos resultariam em uma mudança na interpretação do seu *Sitz im Leben* e possuiriam as variáveis presentes no experimento de Milgram.

A pesquisa, então, é de corte indutivo na sua abordagem, na qual também se apresentarão alguns fatos históricos como exemplos de comprovação.

Assim, no primeiro capítulo será descrito o experimento de Milgram, seu planejamento e resultados. Serão levantadas as variáveis que o experimento apresenta como condicionantes psicossociais que impõem comportamentos em um determinado ambiente.

Esta parte da pesquisa será de viés bibliográfico, tomando por base, o referencial teórico contido principalmente no livro "Obedience to Authority", de autoria do próprio Stanley Milgram, realizador do experimento.

No segundo capítulo, por meio de pesquisa bibliográfica, serão apresentados de forma mais geral os textos de Qumran, e de forma mais especial aqueles de caráter sectário, onde a comunidade apresenta uma interpretação particular. Esta pesquisa é feita nos textos referidos acima e nos *pesharim* principalmente o de Habacuque, no qual se concentrará a pesquisa.

Também será apresentado o posicionamento da Academia para a comunidade relacionada aos textos de Qumran geralmente conhecida como a Comunidade do Mar Morto.

No terceiro capítulo, as variáveis apontadas no experimento de Milgram em 1962 serão então procuradas no texto sectário do livro de Habacuque, verificando suas existências no contexto da comunidade e avaliadas se as mesmas se relacionam ao surgimento da interpretação específica.

1. O EXPERIMENTO DE MILGRAM

1.1. Descrição do experimento

Stanley Milgram, estudioso das ciências do comportamento, realizou seu experimento na Universidade de Yale em maio de 1962. O experimento visava a compreender quais eram os fatores sociais e psicológicos presentes em uma relação de obediência a uma autoridade.

O interesse surgiu devido ao holocausto nazista ocorrido na Segunda Guerra Mundial, que exterminara cerca de seis e meio milhões de judeus. O ocorrido levantava sérias questões sobre como os alemães, intelectualizados (um percentual enorme das forças das SS possuíam Ph.D.), com elevado nível de educação, poderiam levar a cabo um plano de extermínio em tão grandes proporções.

A filósofa política Hannah Arendt, que fez cobertura do julgamento de Rudolf Eichmann², um dos pais da “solução final”, apresentou o perfil do réu como um homem perfeitamente normal, burocrata e cumpridor de ordens³.

É recordativo o assunto que se levantou quando da publicação do livro de Hannah Arendt, em 1963, *Eichmann em Jerusalém*. Arendt argumentou que o esforço da acusação para descrever Eichmann como um monstro sádico estava fundamentalmente errado, pois, ele se assemelhava mais a um burocrata, que sentado em sua mesa, cumpriu o seu trabalho (tradução nossa).

Estas aparentes contradições levaram Stanley Milgram a realizar seu experimento para verificar quais variáveis estão presentes em uma relação de obediência à autoridade e até que consequências podem resultar desta relação.

Milgram, na sua obra *Obediência à Autoridade*, define obediência como aquele mecanismo psicológico que relaciona a ação individual a um propósito

² ARENDT, Hannah. *Eichmann in Jerusalem. A report on the banality of evil*. New York: Viking Press, 1963.

³ MILGRAM, Stanley. *Obedience to Authority*. New York:Harper&Row, 1974.p.5. *Indeed it is highly reminiscent of the issue that arose in connection with Hannah Arendt's 1963 book, Eichmann in Jerusalem. Arendt contended that the prosecution's effort to depict Eichmann as sadistic monster was fundamentally wrong, that he came closer to being an uninspired bureaucrat who simply sat at his desk and did his job.*

político. Este mecanismo estaria tão arraigado ao comportamento humano, que suplantaria o treinamento ético e as condutas morais.⁴

Para o experimento, Milgram publicou nos meios de comunicação da comunidade de New Haven, um convite para obtenção de voluntários que quisessem participar do mesmo.

Primeiramente Milgram havia pensado em utilizar no experimento os alunos de graduação da Yale, porém, percebeu que poderia haver riscos de vazamento do propósito da pesquisa em conversas com os demais colegas, inutilizando todo o experimento.

Além disso, os estudantes não comporiam uma amostra representativa mais aberta da sociedade, visto se constituir na maioria de jovens em torno dos vinte anos, inteligentes e com grau de instrução aparentemente homogêneo. Para que o experimento pudesse ser mais representativo, então, seria escolhida a comunidade de New Haven, na época composta de 300.000 pessoas.

Ao comparecer ao local, o voluntário seria recebido por um professor de biologia do nível médio (Stanley Milgram acompanhava nos bastidores) envolvido no experimento. O voluntário aguardaria o pesquisador em uma sala, enquanto chegaria um segundo voluntário (também envolvido no experimento como cúmplice, já com procedimentos acordados previamente com o pesquisador, mas sem o conhecimento do primeiro voluntário, este sim, o objeto da pesquisa de Milgram).

Outra pessoa apareceria então aos dois voluntários. Apresentava-se como um pesquisador e explicava, erroneamente, porém de forma proposital, que o experimento se tratava da relação da punição com a aprendizagem e a memória.

Um dos voluntários seria então o “professor” e o outro o “aprendiz”, e por meio de sorteio era determinado qual dos dois seria o professor (cujo papel sempre caía para o primeiro voluntário, deixando ao cúmplice o papel de aprendiz).

Os dois seriam encaminhados ao local do experimento dividido em duas salas⁵. Em uma delas o cúmplice seria colocado e tinha seus pulsos presos a

⁴MILGRAM, 1974, p.1. *Obedience is the psychological mechanism that links individual action to political purpose. It is the dispositional cement that binds men to systems of authority. Facts of recent history and observation in daily life suggest that for many people obedience may be a deeply ingrained behavior tendency, indeed, a prepotent impulse overriding training in ethics, sympathy and moral conduct.*

⁵ Em outra modalidade do experimento, Milgram colocou o aprendiz e o professor no mesmo recinto para verificar se haveria alteração no comportamento do professor com a presença física de quem levaria o choque.

eletrodos. Para ele seria explicado que iriam ser feitas perguntas pelo outro voluntário, o “professor” na outra sala, e a cada resposta errada seria aplicado nele um choque elétrico que começaria com 15 v e aumentaria a cada resposta errada.

O “escolhido” como aprendiz (que era o cúmplice já previamente acordado com o pesquisador) explicaria então que teve há alguns anos um problema de coração e que temia pelo procedimento, ao qual era respondido que os choques poderiam doer, mas não fariam mal.

Em seguida, o pesquisador e o “professor” se encaminhavam para outra sala, onde seria colocado o primeiro voluntário (identificado como professor no experimento) sentado em frente a um painel que possuía várias chaves para aplicação dos choques, que aumentava de 15 v até 450 v com indicações de “choque fraco”, “choque forte”, “choque severo” e na parte final da escala “xxx” indicativo de alta periculosidade, com indeterminadas consequências.

Ao professor (primeiro voluntário) seria explicado que ele deveria fazer uma sequência de perguntas conforme uma lista entregue pelo pesquisador e que a cada resposta errada ele deveria aplicar um choque no aprendiz virando uma chave do painel. A aplicação dos choques seria em ordem crescente de 15 v a cada vez que o aprendiz, na outra sala, errava a resposta e que era indicada no quadro à frente do voluntário-professor.

Para levar o primeiro voluntário a viver a situação do aprendiz que levaria o choque, o pesquisador aplicaria no voluntário um choque real fraco de 45 v. Isto faria com que o voluntário-professor tivesse um conhecimento prático do que aconteceria com o aprendiz quando se virasse a chave aplicando-lhe o choque.

Iniciaria, então, o experimento e o aprendiz, na outra sala, já previamente acordado com o pesquisador (como cúmplice do experimento), responderia erradamente a várias perguntas, obrigando o voluntário-professor a virar a chave, aplicando-lhe um choque. Na realidade o aprendiz não levaria o choque, mas tudo era feito para que o voluntário-professor pensasse que sim.

Ao “levar” os choques, o aprendiz daria um grito, e quando chegasse a 150 v sua reclamação aumentaria, solicitando que o retirasse do experimento, pois sofria do coração.

Caso a indicação dos choques chegasse a 300 v, o aprendiz não mais reagiria, o que daria a impressão ao professor (voluntário) que algo de grave teria acontecido.

A verdadeira razão do experimento era verificar até que ponto o voluntário, que exerceria o papel de “professor”, seguiria aplicando choques no aprendiz, sabendo da frágil condição de saúde do mesmo.

Esta é então a descrição do experimento que Milgram se propôs a realizar para verificar até que ponto as estruturas psicológica e social são determinantes do processo de obediência das pessoas.

O experimento de Milgram foi posteriormente criticado por alguns especialistas por aspectos éticos.

A colocação das pessoas em situação de estresse poderia não ser benéfica e trazer prejuízo às mesmas. Cabe lembrar que na época os procedimentos éticos para experimentos envolvendo seres humanos ainda não estavam muito bem definidos.

Milgram, em sua defesa, alegou que havia vários experimentos na área de psicologia com o intuito mesmo de produzir estresse. O experimento realizado por ele não previa nenhum efeito maléfico sobre os voluntários, nem isso foi ventilado quando da consulta prévia aos especialistas sobre os procedimentos.

Também a maioria dos voluntários agradeceu pela participação posteriormente via correspondência, inclusive uma pessoa que participou na guerra do Vietnã, informando que o experimento de Milgram o ajudou na avaliação de responsabilidade sobre as ações na guerra.

O psicólogo Philip Zimbardo⁶ defendeu o experimento, informando que nenhum dos participantes procurou ir até a sala onde estava o aprendiz para ver como este se encontrava fisicamente e que apesar de ter resistido a partir de determinado momento em continuar aplicando os choques, nenhum deles falou que se devesse terminar o experimento.

⁶ Philip Zimbardo, psicólogo, realizou a famosa experiência dos prisioneiros na Universidade de Stanford. Ele se utilizou de voluntários da graduação para verificar o comportamento dos mesmos sob as condições que simulavam a de uma prisão. Eles foram divididos entre aqueles que faziam o papel de prisioneiros e os de guardas de prisão. Verificou-se que sob aquelas condições os estudantes passaram a agir com agressividade, extrapolando os limites moralmente aceitos. Por isso, o experimento foi finalizado seis dias após. Philip Zimbardo confirmou os resultados do experimento de Milgram realizado anos antes referente à influência da autoridade na obediência do qual tratamos neste trabalho.

O experimento de Milgram foi utilizado posteriormente para explicações em várias situações de atrocidade como, por exemplo, o famoso caso de massacre de 1968 em My Lai, no Vietnã.⁷

1.2. A realização

1.2.1. O experimento básico

O experimento de Milgram iniciou-se pela obtenção de voluntários para os quais ele solicitava a colaboração, para que se verificasse de modo científico a influência da punição na memória e aprendizagem.

Para isso, foi colocado um anúncio no jornal, solicitando voluntários para participar de uma pesquisa sobre “a memória e o aprendizado”, os quais receberiam U\$ 4,50 (quatro dólares e cinquenta centavos) de ajuda de custo.

As 296 pessoas que responderam não eram suficientes para os propósitos da pesquisa. Foram então encaminhadas cartas diretamente para milhares de pessoas, cujos endereços foram obtidos aleatoriamente da lista telefônica da comunidade.

Foram, então, escolhidos 40 voluntários de todas as classes sociais, trabalhadores de todos os ramos profissionais, intelectuais, os quais compareceram no laboratório da Universidade para o experimento.

Os procedimentos ocorreram conforme explicitados anteriormente. Verificou-se que os voluntários aumentavam seus níveis de ansiedade conforme o nível de choque aumentava. Saber que o aprendiz possuía problemas de coração aumentava ainda mais as preocupações dos voluntários nas aplicações dos choques.

O conflito entre obedecer ao pesquisador e parar de atuar em benefício do aprendiz causava aos voluntários tensões emocionais que, em muitos casos (cerca de 15%), eram demonstradas por meio de “riso nervoso”.

Quando os voluntários, pressionados pela situação, indagavam ao pesquisador sobre a continuidade do experimento, dado as condições do aprendiz, o

⁷ O massacre de My Lai foi perpetrado em 1968 por tropas americanas, que foram responsáveis pela morte de cerca de 500 civis em uma vila no sul do Vietnã. O massacre teve repercussão internacional quando veio ao conhecimento público em 1968.

pesquisador informava: “é absolutamente essencial para o experimento que continuemos”.

Se perguntado sobre a situação de saúde do aprendiz que levava os choques na outra sala, o pesquisador informava: “não há dano permanente nos tecidos pela aplicação dos choques”.

Se o voluntário insistisse em se retirar do experimento, o pesquisador afirmava: “você não tem outra escolha, você deve continuar”.

Estas respostas eram padronizadas e dadas a todos os voluntários quando ameaçavam se retirar do experimento. Elas causavam reações diferentes nos voluntários, e alguns simplesmente se recusaram a continuar, sendo o experimento, nestes casos, parado.

Outras pessoas continuavam aumentando o nível do choque em obediência estrita ao pesquisador. Conforme a tensão do voluntário aumentava, também aumentava a assertividade do pesquisador, empurrando o limite de resistência.

Em todos os casos, após a realização do experimento, o pesquisador fazia uma série de perguntas aos voluntários sobre como eles se sentiram, por que pararam ou por que não pararam de aplicar choque no aprendiz.

As conclusões do experimento de Milgram serão apresentadas mais adiante, e servirão para fundamentar a hipótese deste trabalho.

Cabe, porém, ressaltar, para efeito de comparação, que Milgram elaborou um questionário para aplicação junto aos professores de psicologia e estudiosos do comportamento humano da mesma Universidade, para verificar se a previsão teórica do comportamento destes 40 voluntários coincidiria com os resultados da prática.

O resultado desta pesquisa juntos aos estudiosos da Universidade mostrou que eles esperavam que uma pessoa em mil chegasse ao nível máximo de choque apresentado no painel que era de 450v, conforme cita Milgram⁸.

Eles predisseram que a maioria das pessoas não iria além do décimo nível de choque (150 volts, quando as vítimas fizessem sua primeira solicitação explícita para serem liberadas); cerca de 4% chegaria ao vigésimo nível de choque e cerca de uma pessoa em mil administraria o nível máximo de choque do painel (tradução nossa).

⁸ MILGRAM, 1974.p.31. *They predicted that most subjects would not go beyond the 10th shock level (150 volts, when the victim makes his first explicit demand to be freed); about 4 percent would reach the 20th shock level, and about one subject in a thousand would administer the highest shock on the board.*

O resultado do experimento não comprovou a previsão, mostrando que nem sempre uma previsão teórica corresponde ao que ocorre na prática.

Para aqueles que foram até o final, o pesquisador perguntava por que o voluntário não tinha parado diante da insistência do aprendiz. A resposta mais frequente era que o pesquisador mandava que continuasse. Parecia que a autoridade do pesquisador, aceita de modo implícito, se impunha sobre os valores dos voluntários.

1.2.2. A inversão de papéis

Em um experimento secundário, houve uma troca de funções, e neste caso, o aprendiz pedia para que continuasse a levar choque, pois um colega seu foi até o final e ele não queria fazer por menos. O pesquisador, neste caso, comandava ao contrário, informando ao voluntário que já era suficiente e que poderia parar, pois o choque poderia fazer mal ao aprendiz.

Nesta situação secundária de inversão de papéis, nem um só dos voluntários continuou com o procedimento, mostrando que é de importância decisiva a fonte da autoridade e não o conteúdo do comando conforme apresenta Milgram⁹.

Não é o conteúdo do comando, mas a sua fonte na autoridade que é de importância decisiva. No experimento básico, quando o pesquisador diz, "administre 165 volts" a maioria dos pesquisandos assim o fez apesar dos protestos do aprendiz. Mas quando o próprio aprendiz diz, "administre 165 volts", nenhum dos pesquisandos o fez (tradução nossa).

Ainda em uma situação secundária, procurou-se verificar o que acontece quando duas fontes de autoridade (dois pesquisadores) entram em conflito com comandos opostos. Neste experimento, dezoito dos vinte voluntários pararam o procedimento no momento em que as autoridades entraram em conflito. Os voluntários solicitaram que as autoridades decidissem quem comandava, indicando a necessidade de uma coerência no fluxo do comando.

⁹ MILGRAM, 1974, P.92. *It is not the substance of the command but its source in authority that is of decisive importance. In the basic experiment, when the experimenter says, "Administer 165 volts," most subjects do so despite the learner's protest. But when the learner himself says, "Administer 165 volts," not a single subject is willing to do so.*

1.2.3. A assunção de responsabilidade

O aspecto referente à responsabilidade é muito importante para obtenção da obediência.

Muitas vezes, durante o experimento, o voluntário, incomodado com o estado de saúde do aprendiz, pergunta quem vai se responsabilizar pelo que acontecer, sendo respondido que a responsabilidade era dele, do pesquisador, o que fazia que de alguma forma, nesta transferência de responsabilidade, o voluntário continuasse no procedimento aumentando o nível de tensão.

Milgram coloca que em um sistema burocrático, quanto mais distante a pessoa estiver dos resultados de seus atos, menos responsável ela se sente e mais fácil é para obtenção da obediência¹⁰.

A maior parte do pessoal pode consistir de homens e mulheres que pela virtude de suas distâncias dos verdadeiros atos de brutalidade, sentirão pouco remorso nas suas funções de suporte. Eles se sentirão absolvidos de qualquer responsabilidade. Primeiro, uma autoridade legitimada deu-lhes total garantia para suas ações. Depois, eles não cometeram, eles mesmos, nenhum ato físico violento (tradução nossa).

1.2.4. A proximidade do pesquisador

O experimento também constatou que a proximidade do voluntário com o pesquisador é muito importante. Quando se colocou o pesquisador afastado do voluntário, dando ordens pelo telefone, houve um percentual menor de obediência.

A presença física do pesquisador era de suma importância para que o voluntário continuasse obedientemente aplicando choques no “aluno”.

1.2.5. A influência da conformidade

Um aspecto importante na pesquisa de Milgram é a conformidade. O efeito da conformidade já havia sido observado em outra pesquisa realizada por Solomon

¹⁰ MILGRAM, 1974, *Any competent manager of a destructive bureaucratic system can arrange his personnel so that only the most callous and obtuse are directly involved in violence. The greater part of the personnel can consist of men and women who, by virtue of their distance from the actual acts of brutality, will feel little strain in their performance of supportive functions. They will feel doubly absolved from responsibility. First, legitimate authority has given full warrant for their actions. Second, they have not themselves committed brutal physical acts.*

Asch¹¹. O experimento de Asch mostrou como a conformidade pode alterar nossa percepção do meio em que vivemos, pois as percepções alheias podem influenciar de forma determinante as nossas próprias.

Quando o grupo no qual vivemos apresenta certo comportamento, temos a tendência de agir igualmente adotando os mesmos comportamentos. Quando também as normas sociais nos ditam certas atitudes somos levados a obedecer para nos “conformarmos” com o meio ao redor.

A conformidade pode então vir da influência de outras pessoas ou situações determinadas com as quais somos confrontados na vida diária.

Em suma, somos levados a perceber o mundo e agir conforme os nossos pares percebem e agem. O efeito que os outros exercem em nós muitas vezes é determinante para nosso comportamento e no experimento de Asch ele é denominado “conformidade”. Portanto, a conformidade é uma influência no plano horizontal, enquanto “autoridade” é uma influência no plano vertical.

1.3. Resultados

O experimento de Milgram mostrou que ninguém desobedeceu até a aplicação de 300 v e que 65% dos voluntários aplicaram choques no aprendiz até o limite máximo de 450 v, apesar de todos os protestos da vítima e solicitação para que o experimento terminasse, pois não queria mais participar.

Os voluntários sentiram-se desconfortáveis, com atitudes de nervosismo, mas apesar disto, diante do pesquisador, aplicaram choques no aprendiz até o último grau da escala.

Milgram explica que não era somente uma questão psicológica, mas, a estrutura das relações sociais que podem levar a uma situação onde a autoridade se impõe sobre as pessoas, forçando-as a comportamentos que muitas vezes vai contra os seus próprios valores.

Aqui destaco, então, derivadas do experimento de Milgram, as variáveis presentes na estrutura social que podem facilitar ou catalizar a mudança de comportamento:

¹¹ O experimento de Asch pode ser visto em <http://www.youtube.com/watch?v=QcmvbXgmdsU>.

- Variável 1 → Ligação com o pesquisador numa relação autoridade – submissão: é importante para a imposição do comportamento que haja essa relação implícita ou explícita de autoridade – submissão. Portanto, para uma melhor apropriação desta qualidade é importante que a autoridade seja legitimada, o que, aliás, já está na própria definição de “autoridade”, ou seja, poder legitimado.

Analisando o conceito de autoridade, dentro de estudos de ciência política, esta pode ser uma autoridade: técnica, quando advém de conhecimento específico em determinada área; moral, quando advém do perfil moral e de vida da pessoa; legal ou estatutária, quando é determinado por uma norma reconhecida pelas partes¹².

Há de se reconhecer ainda a autoridade carismática, advinda da própria personalidade, portanto, intransferível, por passar por características pessoais.

Para o estudo de Milgram, a autoridade era a do tipo técnica, o que, para o contexto apresentado (experimento na Universidade de Yale) era adequada.

- Variável 2 → Estar envolvido em um grande projeto, ou atividade significativa: Os voluntários sabiam que, mesmo aplicando choques no aprendiz, toda a pesquisa iria resultar em um benefício mais geral que se sobrepunha àquela situação. Para o caso de Milgram, o que se apresentava aos voluntários de forma fictícia era a pesquisa sobre o papel da punição na aprendizagem das pessoas.

A imposição de comportamento, portanto, passa pelo entendimento de que a pessoa saiba que sua atitude ao final resultará em benefício para si mesmo ou para os outros fazendo com que os custos presentes sejam suplantados pelos benefícios futuros.

A construção de uma importância ou um sentido maior para aquilo que se faz, pode ser fundamental para obtenção de comportamentos, principalmente em uma sociedade de ética utilitária como é a atual onde os fins justificam os meios.

Para exemplificar esta situação, Milgram afirma em sua obra *Obediência à Autoridade* que a ida de soldados americanos para o Vietnã era precedida de palestra feita a eles pelas autoridades que apresentavam suas ações no campo de

¹² MAGALHÃES, José Antonio Fernandes. *Ciência Política*. Brasília: Editora VESTCOM, 2009. p.21, onde o autor discorre sobre Poder e Dominação, as características do poder como fenômeno político e a tipologia das formas de poder.

guerra como tendo um propósito maior para a sociedade, que a menos que os inimigos fossem destruídos sua nação estava em perigo¹³.

Antes de embarcar para a zona de guerra, a autoridade se esforça em definir o significado das ações dos soldados relacionado-as a valores ideais e propósitos maiores para a sociedade. É dito aos recrutas que aqueles contra quem lutam no campo de batalha são inimigos de sua nação e que a menos que sejam destruídos, seu próprio país corre perigo. A situação é definida de uma maneira que os atos cruéis e desumanos são justificados (tradução nossa).

▪ Variável 3 → Gradatividade: conforme a tensão dos voluntários aumentava, dado o conflito de suas ações com os seus valores, o pesquisador se tornava mais assertivo, com palavras de comando cada vez mais fortes, suplantando dessa forma a reação crescente ao comportamento estabelecido pelo pesquisador.

Podemos entender, portanto, que para obter o comportamento desejado é preciso reforços cada vez maiores, suplantando as forças internas das pessoas.

Este reforço, importante dizer, vem de forma gradual e crescente, o que ajuda a não quebrar a relação de sujeição estabelecida, conforme cita Sabini¹⁴: “*Certamente na vida diária, ficar comprometidos gradativamente é a forma mais comum de nos acharmos envolvidos em atos imorais*” (tradução nossa).

▪ Variável 4 → Transferência: Há um processo de transferência envolvido, quando a responsabilidade passa a não ser mais do voluntário, mas sim do pesquisador.

No caso do experimento de Milgram, esta transferência alivia a tensão do voluntário de estar fazendo algo contrário aos seus valores (como aplicar choques a uma pessoa doente), pois desloca a responsabilidade dela para o pesquisador. Esta transferência de responsabilidade poderá estar acompanhada de confiança.

▪ Variável 5 → Conformidade: A pesquisa mostrou que na presença de pressão de grupo pode haver aparecimento de comportamento resistente do voluntário à

¹³ MILGRAM, 1974, p.181. *Before shipment to the war zone authority takes pains to define the meaning of the soldier's action in a way that links it to valued ideals and the larger purposes of society. Recruits are told that those he confronts in battle are enemies of his nation and that unless they are destroyed his own country is endangered. The situation is defined in a way that makes cruel and inhumane action seem justified.* Como exemplo, pode-se mencionar o massacre americano de civis de My Lai no Vietnã, em 1968. Três americanos tentaram impedir o massacre e posteriormente foram estigmatizados pelo congresso americano como “traidores” recebendo inclusive diversas ameaças em suas casas.

¹⁴ SABINI, John. *Critical thinking and obedience to authority p.2. Surely, in everyday life, becoming entrapped by gradual increases in commitment is among the most common ways for us to find ourselves engaging in immoral acts.*

obtenção do comportamento desejado pelo pesquisador. Portanto, quebrar a resistência de grupo ou excluir indivíduos de pensamento contrário é essencial para obtenção do comportamento desejado pelo pesquisador. A forma oposta também é importante, ou seja, conseguir que seus pares concordem com o mesmo comando informado pelo pesquisador, influenciando o voluntário a agir da forma como se determinou.

Quando Milgram inseriu sujeitos que estivessem coparticipando do experimento no mesmo nível do voluntário-professor, este se sentia mais forte em desobedecer ao pesquisador quando os seus pares o faziam (porém agindo como cúmplices na pesquisa).

O efeito da conformidade poderia agir no sentido de reforço da resistência do voluntário contra as ordens do pesquisador. Desta forma, conclui-se que o voluntário era tanto influenciado pelo pesquisador quanto por seus pares na determinação de suas ações.

Esse efeito nos mostra que a conformidade não deve ser desprezada na obtenção de comportamento, mas entendida como um componente determinante oriundo de sentido horizontal, entre pares.

Neste ponto, é importante ressaltar novamente que a conformidade ajuda a impor comportamentos, na medida em que os pares são determinantes na nossa maneira de agir. Milgram, no seu experimento, apenas comprovou o que Solomon Asch já havia identificado nos seus experimentos de pressão de grupo e como esta impõe comportamento aos indivíduos.

A conformidade, portanto, dentro da nossa hipótese, seria um componente de formação de interpretação. Aquilo que costumeiramente se interpreta pelos pares tende a se perpetuar pelo efeito da conformidade.

Este efeito pode ser também encontrado na metodologia científica na abordagem de Thomas Kuhn. Este autor demonstra que as revoluções científicas se dão por mudanças nos paradigmas adotados na comunidade científica. Os cientistas, porém, tendem a se manter em um paradigma que seus pares compartilhem.

Assim, se alguma discrepância em relação ao paradigma, chamada de anomalia, for encontrada em algum experimento, esta tende a ser considerada como problema interno referente a alguma variável inicial, problema este resolvido por

algum ajuste interno e não fazendo uma mudança geral no paradigma no qual os seus pares se apoiam.

Como cita Kuhn *apud* Gewandsznajder¹⁵, a comunidade científica tende a se manter na mesma cosmovisão ou paradigma em que estão seus pares.

O próprio Milgram cita que seu interesse pelo assunto referente à obediência e o seu experimento realizado estão dentro do *zeitgeist* referente à pesquisa na área de psicologia social que já vinha se desenvolvendo há 75 anos.¹⁶

▪ Variável 6 → A desvalorização: Outro ponto importante que Milgram constatou no seu experimento se refere à desvalorização que o voluntário fez com relação ao aprendiz. Para muitos estudados no experimento, a ação de dar choques no aprendiz vinha acompanhada de comentários desvalorizando a pessoa. Como cita o autor¹⁷:

De considerável interesse, contudo, é o fato de que muitos voluntários severamente desvalorizaram a vítima como consequência de agir contra ela. Alguns comentários comuns eram: “Ele era tão teimoso e estúpido que merecia levar o choque”. Uma vez agindo contra a vítima, estes voluntários acharam necessário vê-la como um indivíduo sem valor para o qual a punição era inevitável pelas suas próprias deficiências intelectuais e de caráter (tradução nossa).

Na sua obra, este mesmo autor cita que a desvalorização sistemática da vítima provê uma justificção psicológica para um tratamento brutal e tem sido acompanhada constantemente de massacres, *pogroms* e guerras.

No exemplo da guerra do Vietnã, Milgram aponta o aspecto da discriminação racial como uma variável que tornou a ação cruel mais fácil.¹⁸

Na Guerra do Vietnã, um elemento adicional tornou a ação cruel mais fácil: o inimigo era de outra raça. Os vietnamitas eram comumente chamados de

¹⁵ GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O Método nas Ciências Naturais e Sociais*. São Paulo; Pioneira, 1998, p.29 [...] de uma escolha entre teorias ou paradigmas, não é de estranhar que Kuhn dê a entender que a aceitação do novo paradigma não se deva - ou, pelo menos, não se deva apenas - a recursos lógicos ou a evidências experimentais, mas à capacidade de persuasão ou à “propaganda” feita pelos cientistas que defendem o novo paradigma.

¹⁶ MILGRAM, 1974, p.xxiii. *Boris Sidis carried out an experiment on obedience in 1898, and the studies of Asch, Lewin, Sherif, Frank, Block, Cartwright, French, Raven, Luchins, Lippitt and White, among many others, have informed my work even when they are not specifically discussed. The contributions of Adorno and associates and of Arendt, Fromm, and Weber are part of the zeitgeist in which social scientists grow up.*

¹⁷ MILGRAM, 1974,p.10. *Of considerable interest, however, is the fact that many subjects harshly devalue the victim as a consequence of acting against him. Such comments as, “He was so stupid and stubborn he deserved to be shocked” were common. Once having acted against the victim, these subjects found it necessary to view him as an unworthy individual, whose punishment was made inevitable by his own deficiencies of intellect and character.*

¹⁸ MILGRAM, 194, p.181. *In the Vietnamese War, an additional element made cruel action easier: the enemy was of another race. Vietnamese were commonly referred to as “gooks”, as if they were subhuman and thus not worthy of sympathy.*

“gooks” como se fossem sub-humanos e desta forma não dignos de simpatia (tradução nossa).

Outro aspecto de suma importância para esta pesquisa é abordado por Milgram de forma rápida, porém, para os propósitos deste trabalho é essencial.

Em um deles, Milgram apresenta a capacidade de controlar a maneira como se interpreta o mundo como um dos fatores para obtenção da obediência e, portanto, do comportamento desejado.

Uma interpretação da situação vivencial adequada, *Sitz im Leben*, cria as condições sociais favoráveis à obtenção da obediência e consequente comportamento esperado, como cita Milgram¹⁹: “*Controle a maneira como um homem interpreta seu mundo, e você já percorreu um longo caminho para controlar o seu comportamento*” (tradução nossa).

Na sequência do texto ele cita a importância da ideologia na obtenção de comportamentos.

Aqui está o cerne deste trabalho, que é percorrer o caminho inverso, ou seja, as condições sociais adequadas podem fazer surgir uma interpretação de mundo que se imponha sobre as pessoas. Para isso ocorrer, as condições adequadas devem apresentar as variáveis constantes no experimento de Milgram listadas anteriormente.

A esta altura, devemos fazer referência à hermenêutica na sua interpretação sociológica. Uwe Wegner²⁰ cita que as pessoas que trabalham no método sociológico fazem uso de categorias e conceitos do materialismo histórico. Portanto, para este viés hermenêutico, os fatores econômicos, sociais e políticos é que dão a interpretação adequada do texto.

A matriz sobre a qual se fundamenta esta interpretação hermenêutica se origina nas relações sociais.

No âmbito de nossa pesquisa, diríamos que a interpretação sociológica de um evento atual se imporá, se houver as variáveis do experimento de Milgram.

Na próxima seção será analisada a Comunidade de Qumran, também conhecida como a Comunidade do Mar Morto, na busca de suas particularidades na

¹⁹ MILGRAM, 1974, p.145. *Control a manner in which a man interprets his world, and you have gone a long way toward controlling his behavior...if after all, the world or the situation is as the authority defines it, a certain set of actions follows logically.*

²⁰ WEGNER, Uwe. *A Leitura Bíblica por meio do Método Sociológico* Mosaicos da Bíblia nº12. Palestra apresentada no seminário “Método Sociológico de Leitura da Bíblia” promovido pelo programa de Assessoria à Pastoral do CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação.

interpretação do texto bíblico e posteriormente na tentativa de identificação das variáveis de Milgram, apresentadas até aqui, no sentido de avaliar se estas variáveis podem justificar a introdução desta interpretação peculiar e a sua manutenção.

2. OS TEXTOS DE QUMRAN

Neste capítulo 2 faremos um breve histórico da descoberta dos manuscritos nas cavernas na proximidade do sítio arqueológico de Qumran, dos quais utilizaremos para nossa pesquisa o texto de Habacuque, descoberto na caverna 1.

A seguir exporemos os principais posicionamentos acadêmicos atuais sobre a origem da comunidade do Mar Morto e analisaremos então sua interpretação própria contida no texto do manuscrito 1QpHab, que contém uma interpretação sectária do texto canônico do profeta Habacuque.

2.1. Os manuscritos descobertos

Em meados de 1947, em uma região montanhosa na margem leste do Mar Morto, foi descoberta por um beduíno da tribo Ta'amireh, cujo nome era Muhammed edh-Dhib, uma caverna na qual se encontrou vários objetos de cerâmica, vasos de barro e dentro destes, rolos de pergaminho envoltos em linho que continham textos escritos.

A razão e a origem da descoberta desta caverna foi tema de vários debates e contestações, mas a versão oficial, obtida pela declaração do próprio beduíno, apresenta que ele estava à procura de uma cabra extraviada que supôs estar escondida naquela caverna.

Isto é confirmado pelo Padre e arqueólogo Roland de Vaux, que trabalhou no sítio arqueológico de Qumran e especialmente nesta caverna, como cita²¹:

Eu tive como um dos meus trabalhadores, Muhammad edh-Dhib, o beduíno que primeiro entrou na caverna, e o fiz contar sua história, que foi confirmada pelos seus companheiros (tradução nossa).

O beduíno informou a um companheiro seu o achado e ambos voltaram no dia seguinte, retirando da caverna outros materiais rolos e vasos de barro (alguns foram usados para transporte de água).

O líder da tribo sugeriu a apresentação do material a um negociante cristão conhecido como Kando, que adquiriu parte do material e o levou ao líder de sua igreja local, a Igreja Siríaca Jacobita de Jerusalém, Athanasius Yeshua Samuel.

²¹ DE VAUX, Roland. *The Bible and the Ancient Near East*. New York; Darton, Longman & Todd, Ltd. 1971, (english translation) p.183 Later in 1952, *I had as one of my laborers Muhammad adh-Dhib, the Bedouin who had been the first to enter the cave, and I made him tell me his story in the presence of his comrades who verified it.*

Durante mais de um ano, o líder da Igreja Siríaca tentou estabelecer a validade e a idade dos manuscritos, mas as consultas a alguns “experts” não se mostraram frutíferas, pois alguns deles ficaram céticos a respeito do material, como um especialista holandês da *École Biblique et Archeologique Française* de Jerusalém, instituição dominicana, responsável à época, pelas principais pesquisas desenvolvidas no âmbito da Igreja Romana.

O primeiro especialista a se pronunciar sobre os manuscritos na posse de Samuel, chancelando sua autenticidade e idade (em torno do ano 100 A.C.) foi William Albright²², do Instituto Albright da American School of Oriental Research, ligada à Universidade de Yale.

Com a informação de autenticidade, os manuscritos em posse de Samuel foram levados para os EUA, onde se dizia, poderia obter um preço maior por eles. Estes manuscritos eram 4 rolos referentes a uma cópia de Isaías (1QIs)²³, um *peshet* de Habacuque (1QpHab), a Regra da Comunidade (1QS) e o Gênesis apócrifo (1QapGen) e foram colocados nos classificados do *The Wall Street Journal*, em Nova York, para a venda.

Estes manuscritos foram comprados por Ygael Yadin por U\$ 250.000 dólares, filho de Eleazar Sukenik, chefe do Departamento de Arqueologia da Universidade Hebraica, que já havia comprado os demais manuscritos achados pelos beduínos e que estavam à venda no mercado de antiguidades em Belém.

Com autorização do governo da Jordânia, iniciaram-se nessa época a busca oficial arqueológica por mais manuscritos e outras cavernas na região, sendo o responsável pelos trabalhos o especialista beneditino da *École Biblique et Archeologique Française* de Jerusalém, o padre Roland de Vaux.

²² BAIGENT, Michael e Leigh, Richard. *As intrigas em torno dos manuscritos do Mar Morto*. Rio de Janeiro: Imago, 1994 (trad.Lauro Rumchinsky) p.34. Minhas calorosas congratulações pela maior descoberta de manuscritos dos tempos modernos! No meu entender não há qualquer dúvida que a escrita é mais arcaica do que a dos Papiros de Nash [...] Eu sugeria uma data em torno de 100 A.C [...] Um achado absolutamente incrível! E, felizmente, não pode haver a menor dúvida sobre a autenticidade do manuscrito.

²³ O código alfanumérico foi adotado posteriormente para identificar os textos descobertos em Qumran. O número indica a caverna onde o texto foi descoberto. A letra “Q” significa que foi a caverna em Qumran. O nome do livro vem na sequência de forma abreviada, por ex, Is, Hab. Assim o código 1QIs é o texto de Isaías descoberto em Qumran na caverna 1. Algumas vezes em substituição ao nome do livro vem um número sequencial indicativo do texto, por ex., 4Q162 é um comentário do livro de Isaías descoberto na caverna número 4 em Qumran.

Aos beduínos Ta'amireh, descobridores dos manuscritos da primeira caverna, coube a participação nos trabalhos arqueológicos e vigilância, para que outras tribos de beduínos não invadissem o sítio arqueológico.

Assim, a caverna 1 foi achada pelos beduínos por volta do início de 1947. Em 1952 foram achadas as cavernas 2, pelos beduínos, a caverna 3, pelos arqueólogos, a caverna 4 pelos beduínos e perto desta a caverna 5, encontrada pelos arqueólogos. A caverna 6, no mesmo ano, foi também achada pelos arqueólogos.

Em 1955 os arqueólogos encontraram as cavernas de números 7 a 10, e por fim, em 1956, a última caverna (11) da região de Qumran, encontrada pelos beduínos.

Nestas 11 cavernas foram encontradas cerca de 900 manuscritos pulverizados em milhares de pedaços, o que dificultou sua recomposição, tradução e publicação.

Ao longo das escavações foram descobertas ruínas em um local próximo às cavernas. Elas mostravam sinais de que haviam sido utilizadas para habitação e tiveram sua existência ligada aos textos descobertos nas 11 cavernas da região. Este local foi denominado de Kirbhet Qumran, e logo identificado como local de habitação de um grupo sectário judaico.

Cabe ressaltar que em outros sítios na região do Mar Morto, através das buscas persistentes dos beduínos Ta'amireh e dos arqueólogos, foram encontradas cavernas contendo mais manuscritos, como a região em Massada, ao sul da margem oeste, escavadas por Y. Yadin, a região do wadi Murabba'at, onde foram encontrados manuscritos da época da revolta judaica de Bar Kochba (132d.C. – 135 D.C.), e também na região de Jericó, mais ao norte, em wadi Daliyeh, onde foram encontrados manuscritos contendo contratos e outros documentos pessoais.

É importante, portanto, destacar a diferença acadêmica entre referir-se aos manuscritos do Mar Morto e aos manuscritos de Qumran, sendo aquela, especificação mais abrangente que esta.

Basicamente são três os tipos de manuscritos descobertos nas cavernas de Qumran: manuscritos referentes aos textos canônicos; manuscritos referentes a textos não canonizados de origem no período interbíblico e manuscritos contendo textos sectários, ou seja, de origem da comunidade em Kirbhet Qumran.

Os manuscritos descobertos estavam escritos em hebraico, aramaico, nabateu e grego e as análises paleográficas e de carbono 14, datavam os mesmos como pertencentes ao período do séc. II a.C. a 68 d.C., ou seja, dentro do período hasmoneano e da dominação romana da palestina iniciada em 63 a.C. por Pompeu.

Quanto aos tipos de literatura destes textos, Florentino Garcia Martínez²⁴, na sua apresentação dos textos de Qumran, divide os mesmos em literatura escatológica, poética, haláquica, litúrgica, astronômica e exegética.

Os textos referentes às regras da comunidade e aos *targuns* fazem parte do esforço exegético da comunidade, porém, os textos mais representativos desta atividade exegética seriam os *pescharim*, que são interpretações diretamente vinculadas aos textos hoje canonizados.

Neste tipo, há a citação direta do texto a ser interpretado, seguido depois da palavra *pesher* para iniciar a declaração interpretativa. Daí deriva o termo *pescharim* para textos exegéticos deste tipo.

Os *pescharim* encontrados estão relacionadas a diversos livros, como o *pesher* de Isaías (4Qpls), o de Naum (4QpNah), o de Zacarias (4QpZeph). Ao todo são 18 *pescharim* identificados por Horgan.²⁵

O texto escolhido para a pesquisa se concentra especialmente naquele denominado de 1QpHab que trata do comentário sectário a respeito do livro canônico de Habacuque.

2.2. O histórico da comunidade e sua forma de viver

Entre os anos de 1952 a 1956 várias cavernas foram encontradas na margem noroeste do Mar Morto. Nesse tempo foram encontradas as ruínas de construções antigas que indicavam que a região havia sido habitada.

A interpretação mais tradicional do povo que habitava o sítio era apoiada por Roland de Vaux que fez escavações exaustivas no local e que considerava a comunidade como um grupo de essênios. A teoria essênica foi uma das primeiras e mais amplamente utilizada para explicar a comunidade que ali habitava.

²⁴ MARTÍNEZ, Florentino Garcia. *Textos de Qumran*. Petrópolis: VOZES, 1992, p.20.

²⁵ HORGAN, Maurya P. *Pescharim, Qumran Interpretations of Biblical Books*. Washington; The Catholic Biblical Association of America, 1979. P.1. O autor apresenta 18 textos classificados como *pescharim* entre aqueles encontrados nas 11 cavernas em Qumran. São eles: 1QpHab, 1QpMic, 1QpZeph, 1QpPs, 3Qpls, 4Q161-165, 4Q166-168, 4QpNah, 4Q170-173.

Esta teoria foi formulada baseada nas declarações de Filo, Flávio Josefo e de Plínio, o Velho. Não é propósito deste trabalho fazer uma análise sobre as diversas correntes teóricas que tentam explicar aquela comunidade, mas é importante apresentarmos as declarações das principais fontes sobre comunidade que habitava às margens do Mar Morto.

De acordo com James Vanderkam²⁶, o primeiro pesquisador a sugerir que os manuscritos tivessem relação com os essênios foi Eleazar Sukenik, que adquiriu parte dos textos encontrados em Qumran de comerciantes de Belém.

Plínio, geógrafo romano, em sua obra *História Natural*²⁷, relata que havia uma comunidade de essênios a oeste do Mar Morto, acima da cidade de Engedi, que vivia solitariamente e que tinham como companhia as palmeiras do local.

Flavio Josefo também informa que em sua época havia quase 4000 essênios espalhados pelas cidades e alguns deles eram celibatários, outros casados. Partilhavam uma vida comunitária. Para os novos integrantes da comunidade era necessário passar por um período de noviciado de aproximadamente 3 anos, no qual o iniciante era avaliado. Faziam suas refeições em comum, e possuíam suas regras de purificação.

A análise dos textos encontrados em Qumran mostra que a comunidade ali possuía características semelhantes àquelas informadas por Josefo.

O Manual de Disciplina – 1QS – apresentava as regras que deviam ser observadas dentro da comunidade e estas se assemelhavam às informadas por Flávio Josefo quando se referiu aos essênios, trazendo os preceitos de pureza, trabalho, devoção religiosa, relação com os bens materiais e refeições comunais.

De um texto encontrado na caverna 4, como apresenta Martínez²⁸, podemos inferir que a comunidade de Qumran se originou do desejo de cumprimento estrito

²⁶ VANDERKAM, James C. *Os Manuscritos do Mar Morto Hoje*. Rio de Janeiro: OBJETIVA, 1994 p. 77. Sukenik suspeitou que houvesse alguma conexão entre Qumran e os essênios quando leu o Manual de Disciplina, manuscrito encontrado na caverna 1 (1QS), o qual definia o modo de vida para uma seita no deserto.

²⁷ VANDERKAM, 1994, p.78. “A oeste do Mar Morto, mas fora de alcance das exalações nocivas do litoral, se encontra a solitária tribo dos essênios... estendendo-se abaixo dos essênios achava-se anteriormente a cidade Engedi, que só perdia para Jerusalém quanto à fertilidade da terra e quanto aos bosques de palmeiras, mas agora Jerusalém não passa de um monte de cinzas.” A referência neste texto a Jerusalém ser um monte de cinzas provavelmente é devido à destruição da cidade pelos romanos na revolta de 68 d.C.

²⁸ MARTÍNEZ, Florentino Garcia e Barrera, Júlio Treballe, *Os homens de Qumran, literatura, estrutura e concepções religiosas*. Petrópolis:VOZES: 1993, p.48. “Um desses textos, 4QMMT, expressa claramente por que se separaram de todos os seus irmãos: por um desejo de fidelidade absoluta à palavra revelada, cuja compreensão correta só eles possuíam: [...]e vós sabeis que nos separamos

ao que se dizia nas *halakás*. É a observância estrita dos preceitos haláquicos e a não concordância com o modo como as coisas religiosas eram tratadas na cidade de Jerusalém que eles optaram por viver afastados no deserto às margens do Mar Morto.

Roland de Vaux, responsável pelas escavações em Kirbhet Qumran²⁹, dividiu os períodos de habitação naquele lugar em três fases: A fase I era pré-comunitária, apresentando instalações de pequeno porte, não adaptadas para uma vida de um grupo sectário no local.

A fase II deve ter iniciado por volta de 134 a.C. coincidindo com o reinado do rei-sacerdote hasmoneu João Hircano e se estendendo até aproximadamente à época da destruição do local pelos romanos em 68 d.C. quando a comunidade de Qumran foi dissolvida.

A fase III se estende da destruição do local pelos romanos até a revolta de Bar Kochba. De acordo com De Vaux³⁰, o testemunho da numismática é claro quanto a estas fases.

As moedas encontradas no nível II são de várias datas entre Herodes Arquelau e a primeira revolta judaica. Há 62 moedas do segundo ano da revolta e somente 5 do terceiro ano que começou na primavera de 68 AD. Não existe nenhuma moeda de data posterior. A conclusão provável é que o nível II foi destruído em 68 AD.

Desta análise se depreende que os textos que nos interessam para esta pesquisa foram escritos após 134 a.C. quando é a data provável da chegada da comunidade em Qumran e antes de 68 d.C., quando a comunidade se dissolveu com a destruição do lugar pelos romanos.

Cabe destacar que esta análise era a que foi estabelecida pela equipe internacional de pesquisadores, comandada pelo padre Roland De Vaux.

da maioria do povo e nos abstermos de misturar-nos nestes assuntos, e de nos unirmos a eles nestas coisas. E vós sabeis que não se encontra em nossas obras engano, ou traição ou maldade, pois sobre estas coisas nós damos [...] e também vos escrevemos que deveis compreender o livro de Moisés e as palavras dos profetas e de Davi e as crônicas de cada geração.”

²⁹ Coube a De Vaux as escavações e os estudos arqueológicos das ruínas encontradas em Qumran durante as buscas de mais manuscritos na região. Estas ruínas foram logo associadas às cavernas ao redor onde foram achados os manuscritos. As camadas de habitação nas ruínas foram resultado de suas pesquisas *in loco* e através da numismática pode fazer a separação entre os diferentes períodos, conforme afirma o pesquisador em sua obra “The Bible and the ancient near East”.

³⁰ DE VAUX, 1971. p. 195. *The coins found at Level II are of various dates between Herod Archelaus and the First Jewish Revolt. There are sixty-two coins from the second year of the revolt and only five from the third year, which began in the spring or 68 AD. There are no coins of later date. The probable conclusion is that Level II was destroyed in 68 AD.*

Após as descobertas dos manuscritos nas cavernas 1 a 3, houve um volume muito grande de manuscritos da caverna 4, descoberta em 1952. Nesta caverna foram descobertos 525 manuscritos e se constitui na caverna com o maior volume de manuscritos das 11 encontradas na região de Qumran.

Logo foi visto a necessidade de formação de uma equipe internacional de especialistas para análise, separação, tradução e publicação destes manuscritos.

O responsável pelas escavações e pesquisas na área de Qumran, o padre De Vaux, convidou alguns pesquisadores para a formação de uma equipe internacional com participação majoritária de pesquisadores ligados à École Biblique de Jerusalém, da qual De Vaux era o Diretor. Nenhum pesquisador judeu foi convidado a participar do grupo³¹.

Esta equipe adotou como premissa, que nos meios acadêmicos ficou conhecido como “consenso da equipe internacional”, que os habitantes de Qumran eram os essênios tradicionalmente descritos por Plínio, O Velho, Filo e Flávio Josefo, que estes viviam em paz com os romanos e cujos textos seriam pré-cristãos.

Este grupo, posteriormente, adotou uma política de não transparência e impedia outros pesquisadores a terem acesso aos manuscritos.

John Alegro, integrante da equipe internacional, foi o primeiro a quebrar a barreira, dando entrevistas e sugerindo que havia nos textos dos outros colegas declarações que poderiam mudar o entendimento de consenso e o entendimento sobre as origens do cristianismo.

Baigent³² afirma que havia uma preocupação da equipe, formada principalmente de católicos, de que os rumos dos trabalhos levassem a uma interpretação dos textos que fosse contrária aos estabelecidos pela Comissão Bíblica Pontifical, ligada à Congregação para a Doutrina da Fé.

³¹ O primeiro pesquisador judeu foi E. Tov que assumiu a partir de 1992 as pesquisas e a coordenação da publicação dos textos restantes.

³² BAIGENT, Michael e Leigh, Richard. *As intrigas em torno dos manuscritos do Mar Morto*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p.154 “[...] se por exemplo, os manuscritos fossem datados de uma época muito anterior à era cristã, poderiam ameaçar comprometer a originalidade e singularidade de Jesus – ou seja, poderia mostrar que alguns de seus conceitos e palavras não eram totalmente de sua autoria, mas derivavam de uma corrente de pensamento, ensinamentos e tradições já estabelecidas e conhecidas. Por outro lado, se os manuscritos datassem dos dias de Jesus, ou de pouco tempo depois, poderiam mostrar-se ainda mais embaraçosos. Poderiam se usados para se argumentar que o Mestre da Justiça, que é neles mencionado, é o próprio Jesus, e que este portanto, não era encarado como divino por seus contemporâneos.”

Para isto foram estabelecidos princípios³³ para que os manuscritos e seus autores fossem distanciados do cristianismo primitivo.

Estes procedimentos acabaram por impedir o acesso à comunidade acadêmica e publicação dos principais manuscritos por aproximadamente 37 anos, o que só foi revertido com a entrada em 1992 de Emanuel Tov³⁴, o primeiro judeu a participar dos trabalhos, como o responsável pela equipe editorial, cargo inicialmente ocupado por De Vaux.

Embora exista certo consenso na comunidade acadêmica, houve várias soluções alternativas sobre a natureza e origem da comunidade e que apresentamos de forma tangencial neste trabalho para termos uma visão geral.

Para Norman Golb³⁵, a comunidade de Qumran não estava relacionada com os essênios. Os manuscritos encontrados nas cavernas se originaram de Jerusalém e foram colocados lá na época do sítio da cidade pelos romanos em 68 D.C.

Geza Vermes, de Oxford, formulou a Teoria Macabéia³⁶ e coloca a comunidade de Qumran como resultado do conflito das desavenças políticas entre os primeiros líderes macabeus e as lideranças políticas e religiosas de Jerusalém.

A comunidade surgira da dissensão entre os religiosos fiéis aos preceitos da Lei e os líderes macabeus que posteriormente se tornaram reis sacerdotes³⁷.

³³ BAIGENT, 1994, p.155. 1. A datação dos textos de Qumran foi fixada numa época muito anterior à era cristã. 2. Os manuscritos foram considerados como obra de uma única comunidade isolada, uma “seita” não ortodoxa na periferia do judaísmo, divorciada das correntes principais do pensamento social, político e religioso da época. Em especial, a seita era divorciada no nacionalismo revolucionário militante e messiânico, do qual dos defensores de Massada são um exemplo. 3. A comunidade de Qumran deve ter sido destruída durante o levante geral na Judéia, de 66 a 73 A.D., deixando para trás todos os seus documentos, ocultos em cavernas das redondezas, para maior segurança. 4. As crenças da comunidade de Qumran foram apresentadas como totalmente diferentes do cristianismo; e o Mestre de Justiça que não era mostrado como divino, não poderia ser confundido com Jesus. 5. Como João Batista estivesse, no conjunto, muito próximo dos ensinamentos da comunidade de Qumran, argumentava-se que ele não era realmente cristão no verdadeiro sentido da palavra, mas meramente um precursor.

³⁴ VERMES, Geza. *Os Manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: MERCURYO,1997. p.20. Conforme declaração de Vermes, Emanuel Tov, professor de Estudos Bíblicos da Universidade Hebraica, substituiu John Strugnell como editor-chefe, sendo o primeiro judeu a participar das pesquisas dos manuscritos de Qumran.

³⁵ VERMES, 1997. p.31. Norman Golb, de Chicago é responsável por outro ataque intempestivo da opinião geral, repetido numa série de artigos desde 1980. O alvo de sua crítica é a procedência dos manuscritos encontrados em Qumran. Segundo ele, os manuscritos se originaram numa biblioteca de Jerusalém, cujo conteúdo foi escondido em cavernas no deserto quando a capital foi sitiada entre 67 e 70 D.C. O principal corolário da hipótese é que os essênios nada tinham a ver com o povoado de Qumran, - uma fortaleza na opinião de Golb – nem com os manuscritos.

³⁶ VERMES, 1997. p.16. A assim chamada teoria Macabéia que coloca o conflito entre o Mestre da Retidão e a liderança pseudopolítica judaica da época, o sumo sacerdote ou os sumos sacerdotes macabeus, Jônatas e/ou Simão, foi formulada pela primeira vez na minha dissertação de doutoramento, em 1952, publicada em 1953, e logo foi adotada com variações nos detalhes por especialista notáveis como J.T. Milik, F. M. Cross e R. De Vaux.

Cecil Roth e Godfrey Driver, de Oxford, elaboraram na década de 50 a teoria dos zelotes³⁸, segundo a qual a comunidade se constituía de um grupo de judeus zelotes que lutavam pela emancipação do estado judeu da dominação romana.

Outros pesquisadores vincularam os manuscritos de Qumran à época do cristianismo primitivo do primeiro século. Primeira proposta neste sentido foi feita por Jacob Teicher, de Cambridge, no início da década de 50 que compara Jesus ao Mestre da Justiça e Paulo, ao Sacerdote Iníquo.

Dentro desta linha concorda Robert Eisenmann, porém com uma variante: o Mestre da Justiça seria Tiago, irmão de Jesus, que tinha o título de O Justo e foi assassinado no templo em um complô insuflado pelos sacerdotes em 62 d.C., pouco antes da tomada de Jerusalém pelos romanos.

O apóstolo Paulo, para Eisenmann, seria o homem da iniquidade que traiu a Aliança, pois abandonara os preceitos da Lei ao pregar um evangelho próprio e em desacordo com a linha oficial da igreja de Jerusalém, majoritariamente judaica e legalista.

Talvez fossem interpretações como estas a causa principal das preocupações de De Vaux. O próprio John Allegro, agnóstico e inicialmente integrante da equipe, publicou a obra *The Sacred Mushroom and the Cross*³⁹ na qual atribuiu a origem do cristianismo a efeitos alucinógenos presentes em um determinado tipo de cogumelo.

Mais recentemente, em 2004, outra opinião apareceu no mundo acadêmico, fruto de dez anos de escavações no sítio de Qumran, que desvincula este dos manuscritos encontrados nas cavernas próximas.

Os resultados destas escavações, dirigidas por Itzhak Magen, pertencente aos quadros da Arqueologia Civil em Judeia e Samaria e Yuval Peleg, arqueologista para Samaria Oriental e Vale do Jordão, parecem indicar que o sítio de Qumran fora

³⁷ Conforme Flávio Josefo, na sua obra Guerra dos Judeus, o início do aparecimento dos macabeus foi uma dissensão que se deu quando da expulsão do sacerdote Onias do sacerdócio de Jerusalém e exílio do mesmo para o Egito devido a intrigas para obtenção de poder por parte de um grupo sacerdotal rival ajudado pelo rei selêucida Antíoco Epífanes.

³⁸ VERMES, 1997. p.30.

³⁹ BAIGENT, 1994, p.84. *The Sacred Mushroom and the Cross* tornou-se um escândalo em vista das conclusões de Allegro sobre Jesus. Ao tentar estabelecer a origem de toda a crença e práticas religiosas, Allegro afirma que Jesus nunca existiu na realidade histórica, sendo apenas uma imagem evocada na psique sob a influência de uma droga alucinógena, a psilocibina, o componente ativo dos cogumelos alucinógenos. Com efeito, ele argumenta, o cristianismo, como todas as outras religiões, provém de uma espécie de experiência psicodélica, uma cerimônia de rito de passagem disseminada por um culto orgiástico do cogumelo mágico.

uma fábrica de cerâmica após o ano 63 A.C. utilizando-se da estrutura de uma antiga fortaleza, conforme cita Yaron Ben-Ami:⁴⁰

Dr. Magen e o Sr. Peleg agora acreditam que estes pratos eram o produto principal de Qumran. Enquanto retiravam a areia e escombros que enchiam a cisterna maior, acharam uma camada de barro de aproximadamente três toneladas. Este barro era então moldado e cozido nos fornos. Isto pode explicar a grande quantidade de pratos encontrados na sala de armazenagem para produtos acabados enquanto descaracteriza Qumran como um lugar de aprendizagem e solidão. Dificilmente alguém poderia encontrar uma quietude necessária para estudo em meio a uma fábrica movimentada, barulhenta e suja. Esta era a essência de Qumran na sua opinião: uma fortaleza que após a ocupação em 63 A.C. e o abandono pelos exércitos Hasmoneus foi transformada em uma fábrica de cerâmica pelos soldados que não exerciam mais o serviço militar (tradução nossa).

Esta nova teoria se aproxima daquela de Golb no sentido de considerar os escritos como não originários da comunidade, mas vindos de Jerusalém, diferenciando-se no sentido de entender Qumran como uma antiga fábrica de cerâmica.

Portanto, há acalorados debates no mundo acadêmico sobre o enquadramento daquela comunidade como essênios, conforme afirmavam Plínio, Josefo e Filo, como um grupo fariseu ou um grupo saduceu, zelote ou cristão, e a época a qual se referiam em seus escritos, ou se os escritos não se relacionavam com Qumran.

O debate deve se estender por um longo período ainda, visto que não se consegue, no atual conhecimento das pesquisas, encontrar algum desses grupos de forma pura, pois a análise utilizando testemunhos de épocas diferentes certamente verificará as variações naturais de seus desenvolvimentos ao longo do tempo.

Para os propósitos de nossa pesquisa, adotaremos uma visão mais próxima da Teoria Macabéia de Geza Vermes, onde o conflito se dá entre a comunidade de Qumran e o corpo sacerdotal na época das transformações sócio-religiosas dos governantes macabeus.

⁴⁰ Yaron Ben-Ami, 2004. *Dr. Magen and Mr. Peleg now believe these dishes were the chief product of Qumran. While digging out the sand and rubble which filled the large cistern, they found a layer of fine clay, about three tons total. This clay was then fashioned into dishes and baked in two large ovens found on the premises. This would account for the large number of dishes found – a storage room for finished merchandise – while seemingly ruling out Qumran as a place of learning and solitude: one can hardly be expected to find the quietude needed to study in the middle of a busy, loud, and dirty factory. This was the essence of Qumran, in his opinion: a fortress which, after the Roman occupation in 63 BCE and the disbanding of the Hasmonean army, was turned by the out-of-work soldiers into a pottery factory.*

As diferentes abordagens acadêmicas sobre a natureza das atividades em Qumran não afetam o resultado da pesquisa, visto que o trabalho se fundamenta sobre a interpretação particular dos escritos sectários, sendo indiferente se o grupo dissidente se encontrava em Jerusalém ou em Qumran.

2.3. A interpretação sectária do *pesher* de Habacuque

Neste subitem analisaremos os principais pontos do *pesher* de Habacuque, verificando a interpretação aplicada ao texto canônico pela comunidade de Qumran comparando-a com o que o texto procura dizer na época de Habacuque.

O manuscrito 1QpHab, que será objeto de análise, foi um dos primeiros manuscritos descobertos em Qumran, encontrado na caverna 1, e também um dos primeiros que foram divulgados e traduzidos.

Sua condição de conservação não permite identificar o texto em vários pontos, principalmente na primeira coluna, que se encontra muito deteriorada, visto que esta era a coluna inicial mais exposta que dava início ao manuscrito, sendo a mais atingida por intempéries.

Também na parte inferior das colunas algumas linhas não permitem a leitura e outras são inexistentes por já terem sido erodidas.

O manuscrito possui 13 colunas e o texto canônico copiado termina no meio desta, no capítulo 2, indicando que o texto canônico em poder do escriba não possuía o capítulo 3 de Habacuque, parte que os especialistas atribuem a um acréscimo posterior retirado da liturgia e que teria sido agregado antes da estabilização do texto final do livro⁴¹.

O manuscrito em fac-símile pode ser visto no Anexo B, onde se pode constatar seu estado de conservação e o texto original hebraico em escrita herodiana⁴².

⁴¹ PETERLEVITZ, Luciano R. *Observações Literárias em Habacuque 3*. Campinas, 2009. Revista Theos p.7. Para o autor o Capítulo 3 de Habacuque deve ser integrado ao restante do livro, tese que defende ao longo de todo o seu trabalho através de análise literária. Na página 7 o autor informa: “Defender que Habacuque 3.1-19 é um texto independente do livro é desqualificar a proposta do profeta, pois, fica claro que no contexto do livro como um todo, Habacuque 3 funciona como uma conclusão corroborativa que corresponde aos problemas levantados em Habacuque 1-2[...]”

⁴² ALBREGO *apud* PETERLEVITZ, 2009, p.6. O autor informa que o Capítulo 3 de Habacuque compunha uma unidade literária com o resto do livro. O fato de não estar presente no manuscrito 1QHab é que ao final o rolo estaria muito deteriorado e que teria sido excluída esta parte. Porém,

O texto a ser utilizado para a análise da interpretação sectária será o texto de Horgan, constante do Anexo A, que apresenta aquilo que pode ser visto do manuscrito, dadas as suas condições de conservação.

A análise será feita por excertos do texto, nos quais os textos em itálico e em negrito são os textos canônicos, e os textos somente em itálico constituem os textos relativos à interpretação sectária. As referências serão feitas por coluna, seguida pelo número da linha onde se encontra o texto.

A seguir passamos então à análise dos excertos do texto de 1QpHab:

Coluna I.1-3

Peso que Habacuque o profeta viu: Quanto tempo, YHVH tenho clamado, mas tu não escutas? *A interpretação da passagem se refere a tudo o que Habacuque profetizou concernente à expectativa da geraçãoa visitação nos últimos dias.....todas as coisas que virão sobre eles*

Habacuque foi um profeta cujo ministério ocorreu por volta do ano 625 a.C. a 605 a.C., fato baseado na única referência temporal do livro que é a iminente ascensão dos “caldeus” (Hc 1.6). Os caldeus começaram a se tornar proeminentes por volta de 625 a.C. com as conquistas de Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, e que resultaram na destruição da cidade de Nínive conforme profetizado pelo profeta Naum.

Nesta faixa temporal podemos considerar a atuação profética de Habacuque, cuja profecia (peso) apontava para a invasão do território pelos caldeus e destruição da cidade de Jerusalém.

Sobre este período também concorda Albright⁴³, que relaciona o tempo da ascensão dos caldeus com a derrota do faraó Neco em Carquemis e a invasão de Judá.

A interpretação sectária, vindo quase 500 anos depois, considera as palavras de Habacuque como relacionadas aos últimos dias, com cumprimento ainda a se realizar, desconsiderando totalmente a referência aos caldeus, que na época da comunidade de Qumran já não mais possuía existência política.

constata-se pelo fac-símile no anexo deste trabalho, que a parte mais erodida é a inicial, na Coluna 1, onde começa o livro e não a final quando o livro esta mais bem preservado e apresenta a última coluna íntegra e terminando subitamente na metade, deixando meia coluna vazia. Isto indica que o capítulo 3 do livro não estava à disposição do copista no rolo que ele replicava.

⁴³ ALBRIGHT *apud* TENNEY, Merrill. Enciclopédia da Bíblia. São Paulo; CULTURA CRISTÃ, 2008, v.3, p.13. “[...]não vendo nenhuma razão válida pela qual o livro não devia ser tratado como uma unidade substancial e datado entre 605 A.C e 589 A.C., i.e., entre a vitória decisiva de Nabucodonosor sobre Neco em Carquemis e o início da última invasão de Judá antes do final do Primeiro Templo”.

Deve ser levado em consideração o ambiente apocalíptico pelo qual passava o judaísmo para podermos compreender esta mudança de entendimento por parte da comunidade de Qumran, diferenciando-se da aplicação aos caldeus originalmente feita por Habacuque.

Quanto a este ambiente apocalíptico, Alberto Soggin⁴⁴ informa que:

O período persa tardio e o começo do período macedônio viu um crescimento progressivo seguido pela extinção, daquilo que era a maior característica e movimento criativo do antigo judaísmo, profecia. No seu lugar, e em algum tempo paralelo a ele, apareceu outro movimento, basicamente esotérico e especulativo em conteúdo, a apocalíptica (tradução nossa).

Coluna I.10-14

.....por isso a lei afrouxa e a sentença nunca sai. A interpretação disso é que eles rejeitam a lei de Deus
.....porque o ímpio cerca o justo.
A interpretação disso: quem é ímpio é o Sacerdote Iníquo e o justo é o Mestre da Justiça

Habacuque discorre sobre a situação da época, que era a mesma do profeta Miquéias, contemporâneo, a respeito dos líderes religiosos e civis. Os magistrados exigiam suborno para dar as sentenças, e se deixavam levar pelos mais ricos, dando sentenças injustas que oprimiam o pobre, conforme apresenta o profeta Miquéias⁴⁵ retratando a época.

Neste texto o profeta se refere a um ímpio genérico e a um justo genérico retratando a situação caótica da sociedade de sua época. Porém, a interpretação sectária, diferentemente, atribui a impiedade citada pelo profeta a um sacerdote específico designado de “Sacerdote Ímpio” – כהן הרשע – *kōhēn harāšā’* - e ao justo citado refere-se especificamente ao “Mestre da Justiça” – מורה הצדק – *mōreh hašédeq*.

Neste ponto é importante para nossa pesquisa detalharmos melhor esses dois personagens. Podemos ter um perfil desse Mestre da Justiça em outras citações nos demais *pesharim*.

⁴⁴ SOGGIN, J. Alberto. *An Introduction to the History of Israel and Judah*. Valley Forge: Trinity Press International, 1993. p. 309. “The late Persian period and the beginning of the Macedonian period saw the progressive exhaustion, followed by the extinction, of what was one of the most characteristic and creative movements in ancient Judaism, prophecy. In its place, and for some time parallel to it, there appeared another movement, basically esoteric and speculative in content, apocalyptic.”

⁴⁵ Mq 3.9-11. “Ouí, pois, isto chefes da casa de Jacó e magistrados da casa de Israel, vós que detestais o direito, que torceis o que é reto, vós que edificais Sião com o sangue e Jerusalém com injustiça. Seus chefes julgam por suborno, seus sacerdotes ensinam por salário e seus profetas vaticinam por dinheiro [...]”. (ARC)

No *pesher* de Salmos – 4QpSal ou 4Q171, descoberto na caverna 4, está detalhado que ele era sacerdote e considerado como estabelecido por Deus para construir a congregação dos eleitos⁴⁶, indicando que possivelmente ele tenha dado início à comunidade estabelecida em Qumran.

No mesmo documento, este Mestre da Justiça é apresentado como o “intérprete do conhecimento”, ou seja, ele dá a devida interpretação da situação vivencial da época, *Sitz im Leben*, e sua correlação com os textos dos profetas em contraste com outro personagem, o Homem de Mentiras, que desencaminhou a muitos com palavras enganosas⁴⁷. O Mestre da Justiça era considerado o escolhido de Deus pela comunidade de Qumran⁴⁸.

No Documento de Damasco, outro de origem sectária, temos uma descrição do tempo em que o Mestre da Justiça apareceu. Na col. 1 da cópia deste documento (CD-A) descoberta no Cairo no século XIX, há a informação de que 390 anos após Deus ter entregado o povo nas mãos de Nabucodonosor, Deus suscitou para eles um Mestre de Justiça⁴⁹.

Nas colunas XIX e XX do mesmo documento, está exposto o entendimento da Comunidade de Qumran que aqueles que traíram e abandonaram os ensinamentos do Mestre da Justiça (Mestre único) desde o dia da atuação do Mestre único até a chegada do Messias não serão contados na assembleia do povo (a comunidade), e acrescenta que aqueles que prestam ouvidos à voz do Mestre da Justiça se regozijarão e Deus expiará por eles, e eles verão a sua salvação⁵⁰.

⁴⁶ 4Q171 col. 3.14-16 (MARTÍNEZ,1992. p.246). Pois por Deus são assegurados os passos do homem que ele se deleita em seu caminho; embora tropece não cairá, pois Deus sustenta sua mão. Sua interpretação se refere ao sacerdote, o Mestre da Justiça, a quem Deus escolheu para estar diante dele, pois o estabeleceu para construir por ele a congregação de seus eleitos e endireitou o seu caminho, em verdade.

⁴⁷ 4Q171 col. 1.26 e 27 (MARTÍNEZ,1992. p.244). Sua interpretação se refere ao Homem de Mentiras que desencaminhou a muitos com palavras enganosas, já que escolheram tolices e não escutaram o intérprete do conhecimento.

⁴⁸ Conforme citação acima ele é o בַּחִיר - bāhîr - (escolhido) da comunidade de Qumran.

⁴⁹ CD-A, col. 1.5,6 e 11 (MARTÍNEZ,1992. p.76). E no tempo da ira, aos trezentos e noventa anos após tê-los entregue nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, visitou-os e fez brotar de Israel e de Aarão um broto de plantaço para possuir [...] e suscitou para eles um Mestre de Justiça para guiá-los no caminho de seu coração.

⁵⁰ CD-A, col. 19.33 – col. 20.1 e col. 20.30-34 (MARTÍNEZ,1992. p.88 e 89). E assim, todos os homens que entraram na aliança nova na terra de Damasco e se voltaram e traíram e se distanciaram do poço de águas vivas, não serão contados na assembleia do povo e não serão inscritos em suas listas desde o dia da reunião do Mestre único até que surja o messias de Aarão e de Israel [...] e não levantam a mão contra as suas normas santas e seus juízos justos e seus testemunhos verdadeiros; e são instruídos nas ordens primeiras conforme as quais foram julgados os homens do Único; e prestam ouvidos à voz do Mestre de Justiça; e não rejeitam as normas santas quando as ouvem; eles se regozijarão e se alegrarão e seu coração será forte e dominarão sobre

Desta forma vemos que o Mestre da Justiça é o intérprete oficial da comunidade e suas palavras são dadas por Deus requerendo das pessoas que participam da comunidade estrita observância dos seus ensinamentos sob pena de serem condenados por Deus juntamente com as nações ímpias.

Quanto ao sacerdote ímpio - כהן הרשע – *kōhēn harāšā*^c - temos referência sobre ele também em outros *pesharim*. Como o Mestre da Justiça, ele também é da classe sacerdotal, mas os textos sectários o apresentam como um ensinador de mentiras e faz oposição ao Mestre da Justiça tendo poder até planejar sua morte.

Os textos sectários retratam a queda espiritual e cerimonial incorrida pelos religiosos de Jerusalém, o que originou a separação de um grupo fiel ligado ao Mestre da Justiça.

O grupo de Jerusalém era guiado pelo Sacerdote Iníquo que ensinava mentiras e fazia desviar o povo. A comunidade de Qumran era, portanto, resultado de uma separação da atividade religiosa de Jerusalém por parte dos sacerdotes Sadoquitas cujo líder era o Mestre da Justiça. A linhagem sadoquita fiel, liderada pelo Mestre da Justiça, participava da comunidade em cujos textos sectários mostrava sua oposição ao sacerdócio operante em Jerusalém na pessoa do Sacerdote Iníquo.

O texto sectário no manuscrito da Regra da Comunidade – 1QS – mostra esse momento de tensão, e a causa da formação da comunidade em Qumran⁵¹.

O texto citado fala ainda daqueles que querem fazer um “retorno à Lei”, indicando que o grupo sacerdotal de Jerusalém, liderado pelo Sacerdote Iníquo, havia se afastado dos mandamentos da Lei de Moisés.

O que percebemos, portanto, neste trecho do *peshar* é que as palavras originalmente genéricas aplicadas ao “ímpio” e “justo” na época de Habacuque são

todos os filhos do mundo. E Deus expiará por eles, e eles verão a sua salvação, pois se refugiaram em seu santo nome.

⁵¹ 1QS, col. 5.1 e 2 (MARTÍNEZ, 1992. p.51). Esta é a regra para os homens da comunidade que se oferecem voluntariamente para converter-se de todo mal e para manter-se firmes em tudo o que ordena segunda a sua vontade. Que se separem da congregação dos homens de iniquidade para formar uma comunidade na lei e nos bens, e submetendo-se à autoridade dos filhos de Sadoc, os sacerdotes que guardam a aliança e à autoridade da multidão dos homens da comunidade os que se mantêm firmes na aliança [...] todo o que entra no conselho da comunidade entrará na aliança de Deus em presença de todos os que se oferecem voluntariamente. Comprometer-se-á com um juramento obrigatório a retornar à lei de Moisés, com tudo o que prescreve, com todo o coração e com toda a alma, segundo tudo o que foi revelado dela aos filhos de Sadoc, os sacerdotes que observam a aliança e interpretam a sua vontade...

utilizadas para se referirem a pessoas específicas na época da formação da comunidade em Qumran, apresentando uma aplicação toda própria ao texto.

Coluna I.16 – Coluna 2.10

Vejam oh! Traidores maravilha e espantem pois faço um obra nos vossos dias que não acreditarão se contarem. *A interpretação da passagem se refere aos traidores juntamente com o Homem da Mentira, porque eles não creem nas palavras do Mestre da Justiça que vieram da boca de Deus. E se refere aos traidores da nova aliança pois eles não eram fiéis à aliança de Deus, mas profanaram o seu santo nome...da mesma maneira.....a interpretação da passagem se refere aos traidores nos fins dos dias. Eles são os cruéis da aliança que não crerão quando escutarem tudo o que está para vir sobre a última geração da boca do sacerdote em cujo coração Deus colocou entendimento para interpretar todas as palavras dos seus servos os profetas por meio dos quais Deus enumerou todas as coisas que virão sobre seu povo e sobre sua congregação.*

Novamente o Mestre da Justiça é citado como aquele escolhido por Deus e que sofre oposição do Homem da Mentira.

Este Homem da Mentira parece ser um personagem diferente do Sacerdote Iníquo, pois “[...] se refere aos traidores da nova aliança [...]” . Esta nova aliança é a aliança estabelecida na comunidade em Qumran, que fazia seus participantes se separarem do ramo principal de Jerusalém.

Os preceitos desta nova aliança são estabelecidos pelo Mestre da Justiça, aquele autorizado por Deus para dar a fiel interpretação das profecias anteriormente feitas pelos profetas de Deus.

O problema deste Homem da Mentira é que ele não concordou com as palavras do Mestre da Justiça que era “sacerdote em cujo coração Deus colocou entendimento para interpretar todas as palavras dos seus servos os profetas”. Devemos destacar neste ponto a posição de autoridade que possuía o Mestre da Justiça.

Coluna II.10 – Coluna II.15

Eis que eu levanto os caldeus, aquela nação amarga e apressada.

A interpretação se refere aos Kittim que são rápidos e vigorosos na batalha, para destruir muitos pela espada e pela fome no domínio dos Kittim, e os ímpios trairão a aliança e não serão fiéis aos mandamentos de Deus.

Esta é a única referência temporal no livro de Habacuque, e se refere à vinda dos caldeus à terra de Israel, o que aconteceu em 3 oportunidades: em 606 a.C.; 597 a.C. e 586 a.C., esta última data sendo considerada como referência quando se refere ao cativeiro babilônico.

Habacuque discorre sobre os קַשְׁדִּים – qaśddîm, os caldeus, que são os babilônios, e que muito breve iria invadir a terra de Israel, o que primeiramente ocorreu em 606 A.C.

Na interpretação sectária, diferentemente do texto canônico, os kasdim são chamados de kittim, e neste ponto é importante nos determos para um melhor entendimento a respeito do termo “kittim” na comunidade de Qumran.

Primeiramente cabe destacar que Flávio Josefo, em *Antiguidades Judaicas I*, 6.1 quando explica pela genealogia do capítulo 10 de Gênesis, a nomeação dos povos, fala de Kithimus, que possuiu a ilha de Kethima, que veio a ser denominada Chipre e disto proveio, diz ele, que todas as ilhas e a maior parte dos territórios banhados pela costa norte do Mediterrâneo são denominados de Kittim pelos hebreus.

Assim por meio de Flávio Josefo, descobrimos que o termo Kittim era atribuído pelo hebreus aos territórios costeiros e às ilhas de forma geral. Não obstante esta informação de Josefo, a comunidade de Qumran parece ter atribuído significado específico.

Para Eshel⁵², o termo kittim sofreu mudança de interpretação ao longo do período da existência da comunidade, o que motivou a parada de cópias dos *pescharim* entre 63 A.C. e 31 A.C.

Podemos presumir que uma das razões, se não a principal, para cessar de copiar os *pescharim* (entre 63 A.C. e 31 A.C.), era que os autores deste particular gênero compreenderam que eles erradamente identificaram os Kittim. É sempre mais fácil corrigir e atualizar uma tradição oral do que composições escritas e por isso pararam de copiar os *pescharim* (tradução nossa).

A análise de Eshel demonstra que o Rolo da Guerra 1QM faz menção aos Kittim cerca de 18 vezes e que neste documento sectário ele está significando os Selêucidas⁵³.

⁵² ESHEL, Hanan. *The Kittim in the War Scroll and in the Pescharim*. Paper apresentado no 4º Simpósio Internacional Orion, janeiro 27-31, 1999 disponível em <http://orion.mscc.huji.ac.il/symposiums/4th/papers/Eshel99.html>. Acesso em 25/10/2012. *We may assume, that one of the reasons, if not the major one, for stopping copying the Pescharim (between 63 and 31 BCE) was that the authors of this particular genre realized that they have mistakenly identify the Kittim. It is always easier to correct and update oral traditions than written compositions, and therefore they stopped putting the pescharim in writing.*

⁵³ ESHEL 1999. *We therefore may conclude, that the War Scroll was composed during the third quarter of the second century BCE, and the Kittim mentioned in this scroll should be identified with the Seleucides.*

Esta relação dos Kittim com os gregos está de acordo com outros documentos de época, como I Macabeus, escrito cerca de 135 A.C. na época de João Hircano e que faz citação aos Kittim logo no início do livro, considerando-os gregos conforme citado em I Mc 1.1⁵⁴.

No *peshar* de Habacuque, porém, Eshel entende os Kittim citados no documento referindo-se aos romanos, considerando o que está escrito na Col. IX, 4-7, que trata da tomada de Jerusalém por Pompeu⁵⁵. Além do mais, no documento não há menção à queda dos Kittim, o que seria de se esperar se estivesse se referindo ao povo grego.

Esta interpretação também está de acordo com o livro canônico de Daniel, considerado da época. Em Daniel 11.29-30 está citado a ida de Antíoco IV Epifanes ao Egito, o que aconteceu por volta de 168 A.C. mas sua estratégia foi desarticulada pelos navios de Kittim que foram até lá. A história confirma que os romanos foram até o Egito, evitando o domínio deste país por parte de Antíoco IV. Portanto, para o escritor deste texto de Daniel, os Kittim representavam os romanos.

Cabe ressaltar que na Septuaginta os Kittim são traduzidos neste texto de Daniel por Ῥωμαῖοι – romanos, e na Vulgata por – *Romani*.

Longe de querer identificar se os Kittim mencionadas em 1QpHab eram os romanos ou os gregos, queremos destacar, para os propósitos desta pesquisa, que para a comunidade de Qumran não se tratava dos “caldeus”, conforme originalmente referido pelo profeta quando falava sobre a vinda e domínio da Babilônia sobre Jerusalém e as cidades em redor.

Os babilônios, objeto da profecia de Habacuque, neste *peshar* foram substituídos para representar os povos dominantes da época do Mestre da Justiça e do Sacerdote Iníquo, ou seja, os gregos ou os romanos, resultando em uma interpretação própria da comunidade.

Col. II.11,12 – Col. III.5

que marcha sobre a largura da terra para tomar posse de lugares de habitação que não são deles. A interpretação se refere aos Kittim e pela planície eles vem para destruir e saquear a terra, pois isto é o que diz: **Para tomar posse de lugares de habitação que não são deles, horríveis e terríveis são eles. Um clamor por dignidade sai deles.** A interpretação se

⁵⁴ I Mc 1.1. Depois que Alexandre, filho de Felipe, macedônio saído da terra de Kittim, venceu Dario, rei dos persas e dos Medos, tornou-se rei em seu lugar começando pela Héliade.

⁵⁵ ESHEL. 1999. *Peshar Habbakkuk clearly refers to the conquer of the land of Israel by Pompey*, in col. 9 lines 4-7.

refere aos Kittim temor e horror deles estão sobre todas as nações. Por desígnios todos os seus planos são para o mal e com esperteza e engano eles se associam com todos os povos.

O profeta Habacuque discorre sobre a chegada dos babilônios na terra de Israel tomando posse das cidades e todas as terras em redor, fato já ocorrido na época da comunidade em Qumran⁵⁶. A interpretação sectária, porém, atribui o evento ainda a ocorrer e o seu cumprimento por meio dos romanos, conforme Eshel.

Col. II. 11, 12 – Col. III.5

Seus cavalos são mais rápidos que leopardos e mais perspicazes que os lobos da noite. Eles pisam o chão e seus cavaleiros se espalham à distância. Eles voam como a águia que se apressa para devorar tudo. Eles vem para a violência, o horror dos seus rostos é um vento oriental. *A interpretação se refere aos Kittim que batem na terra com seus cavalos e seus animais. E à distância eles vem, das ilhas do mar para devorar todas as nações como a águia e não há saciedade. Com raiva eles se enfurecem e com ira e fúria eles falam com todas as gentes por isso que...*

Aqui temos a confirmação sobre o que Flávio Josefo declarou que os Kittim são considerados pelos hebreus aqueles que moram nas ilhas e nos territórios costeiros ao norte do Mar Mediterrâneo, sendo considerado pela comunidade de Qumran neste documento, como sendo os romanos, diferentemente do significado do texto canônico que se referia ao povo da Babilônia.

Col. IV.3-9

E eles riem de cada fortaleza, e amontoando terras para capturar

A interpretação se refere aos governantes de Kittim, que desprezam as fortificações e as gentes e riem deles com desprezo; e com muita gente (i.e. os governantes de Kittim) os cercam (i.e. as fortificações) para capturá-los. E com terror e medo a eles (i.e. as fortificações) são dadas nas suas mãos, e eles os destroem por causa da culpa daqueles que habitam nelas

Aqui o intérprete de Qumran considera que o domínio das fortificações pelos Kittim é devido ao pecado daqueles que habitam nelas. Já está antecipando a razão colocada posteriormente do porquê os Kittim serem os inimigos do povo que está aliado com o Sacerdote Iníquo.

Importante reparar que o intérprete fala dos “governantes” de Kittim e não do rei de Kittim, que seria mais adequado caso se referisse aos gregos que possuíam rei. Pode então estar fazendo referência à república romana, por estarem sob a autoridade dos senadores romanos antes do advento dos céсарes.

⁵⁶ Os babilônios foram derrotados no final do século VI a.C. pelos exércitos formados pela aliança entre a Média e a Pérsia.

Col. V.8-12

Por que considera os traidores mas fica em silêncio quando o ímpio destrói um mais justo que ele? A interpretação se refere à Casa de Absalão e seus companheiros, que ficaram em silêncio na repreensão ao Mestre da Justiça e não o apoiaram contra o Homem da Mentira que rejeitou a Lei entre todo o seu conselho.

Habacuque está se referindo aqui à situação geral de Judá mostrando o ambiente caótico em que se encontrava Judá em sua época, onde os ímpios destruíam os justos. O fato de as palavras “ímpio” e “justo” se encontrarem no indefinido apenas ressalta o caráter geral na descrição de Habacuque na sociedade judaica.

A interpretação dada pela comunidade de Qumran, porém, relaciona o ímpio ao Homem da Mentira, certamente um dissidente da comunidade, e que refuta as palavras do Mestre da Justiça. Este foi traído pelos companheiros (provavelmente outros sacerdotes Sadoquitas), aos quais o *pesher* designa como Casa de Absalão.

Absalão no texto canônico, da mesma família de Davi, sendo filho deste, traiu o seu próprio pai tomando o reino para si. Provavelmente esta “Casa de Absalão” traiu a confiança do Mestre da Justiça por confiar no Homem da Mentira.

Em outros *pesharim* e principalmente no Rolo da Guerra – 1QM – é informado que esta comunidade de justos lutará ao lado dos anjos numa guerra escatológica dos filhos da luz contra os filhos das trevas que durará 40 anos e na qual os ímpios serão derrotados, principalmente os ímpios que fazem pecar o povo e que é influenciado pelo Homem da Mentira.

Col. VI.2-5

E quando diz, **Por isso ele sacrifica à sua rede e queima incenso à sua nassa.** a interpretação disto é que eles oferecem sacrifícios às suas insígnias e suas armas militares são os objetos de suas reverências.

Esta é uma característica do exército romano, a adoração às suas armas. Josefo informa que Pilatos quis entrar no templo em Jerusalém trazendo as insígnias romanas para consagração, causando revolta nos grupos mais religiosos.

Coluna VII.3-5

*...e Deus disse a Habacuque para escrever as coisas que irão acontecer na última geração, porém o cumprimento do fim do tempo ele não fez conhecido dele. E quando diz, para **que possa ler aquele que corre.** a interpretação se refere ao Mestre da Justiça, a quem Deus fez conhecidos todos os mistérios das palavras de seus servos, os profetas.*

Neste ponto aparece com clareza a transformação da mensagem original profética de Habacuque em uma mensagem apocalíptica na interpretação sectária

do documento. Percebe-se que o intérprete de Qumran afirma que o que Habacuque profetizou é para acontecer na época da última geração.

É importante notar neste ponto do *peshet* a posição elevada que possuía o Mestre da Justiça perante a comunidade. Aqui se diz que o próprio profeta Habacuque não conhecia o cumprimento de sua profecia, porém, o Mestre da Justiça possuía conhecimento que nem mesmo fora dado ao profeta canônico. O *peshet* diz quanto ao Mestre da Justiça: “a quem Deus fez conhecidos todos os mistérios das palavras de seus servos os profetas.”

Percebe-se neste texto que a causa da mudança de interpretação é que para o Mestre da Justiça Deus revelou todos os mistérios das palavras dos profetas, portanto, sua interpretação é inquestionável.

Col. VII.17 – Col. VIII.1-3

o justo viverá da fé

A interpretação é que todos os que observam a Lei na Casa de Judá aos quais Deus salvará da casa do julgamento por causa da tribulação deles e fidelidade ao Mestre da Justiça.

Este texto fala do justo que tem fé em Deus, e que por ela viverá. Esta fé, que no texto hebraico é - אֱמוּנָה - `emûnâh⁵⁷ – fala da relação de fidelidade a Deus, que abrange mais que um simples crer, mas em uma total dependência de Deus.

No texto da Septuaginta⁵⁸ está ἐκ πίστεώς μου ζήσεται da sua fé “em mim” viverá. Os judeus que trabalharam na tradução dos LXX entendiam que esta fé se relacionava com Deus. É a fé em Deus que faz o justo viver.

A comunidade de Qumran, porém, faz outra interpretação deste texto, considerando o justo como aquele que segue a Lei de Moisés, porém, diferentemente do texto canônico, relaciona a fé do justo ao Mestre da Justiça, de forma que Deus salvará e livrará das tribulações os que confiam no Mestre da Justiça.

Esta posição elevada do Mestre da Justiça perante a comunidade, a ponto de considerar que para adquirir o livramento das tribulações precisaria confiar nas palavras do Mestre da Justiça, levou alguns pesquisadores, como Jacob Teicher, a pensar que o texto era da época cristã e que este Mestre se referia a Jesus.

⁵⁷ Habacuque 2.4 (hebraico): הַנֶּה עֹפֵלָה לְאִישׁוּרָה נִפְשׁוֹ בּוֹ וְצַדִּיק בְּאֱמוּנָתוֹ יִחְיֶה:

⁵⁸ Habacuque 2:4 (grego - LXX): εἰν ὑποστειλήται οὐκ εὐδοκεῖ ἡ ψυχὴ μου ἐν αὐτῷ ὁ δὲ δίκαιος ἐκ πίστεώς μου ζήσεται

Enfim, o resultado da mudança de interpretação é que a fé do justo, cujo foco era Deus no texto profético, passou a ter como foco o Mestre da Justiça no texto sectário.

Col. VIII.3-13

Ainda mais que a riqueza trai o homem arrogante é incomparável, quem abre a sua garganta como o sheol, como a morte, ele não pode ser saciado ...todas as nações são reunidas ao seu redor, e todas as gentes juntas para ele. Não levantarão escárnios contra ele e interpretadores de enigmas sobre ele? Que dizem: ai daquele que multiplica o que não de si próprio. Quanto tempo ainda ele se sobrecarregará de dívida. A interpretação se refere ao Sacerdote Iníquo, que foi chamado pelo seu verdadeiro nome no início do seu ministério, mas quando governou em Israel, se tornou arrogante, abandonou Deus, e traiu os estatutos por causa das riquezas. Ele roubou e juntou a riqueza dos homens de violência que se rebelaram contra Deus, e apanhou as riquezas das pessoas para juntar a si mesmo pecado. E os caminhos abomináveis ele perseguiu com toda sorte de impurezas.

Aqui o texto canônico relata o julgamento que virá para os caldeus devido à sua ânsia de destruição e dominação dos povos. Eles são comparados com a morte que nunca está saciada, pois as nações se juntam ao seu redor e multiplica para si o que não o pertence. Porém o texto sectário, relacionado com o Sacerdote Iníquo, que pela indicação do texto era um bom sacerdote no início de seu ministério, porém, aceitou suborno e enveredou pelo caminho mau, traindo “os estatutos por causa das riquezas”.

Se o texto declara que traiu os estatutos, provavelmente os mandamentos estabelecidos por Moisés e a vida cerimonial sacerdotal foi contaminada pelas riquezas.

Não se sabe exatamente a qual evento o documento se refere nesta passagem, mas indica que o Sacerdote Iníquo precisou de riquezas e a conseguiu apanhando as riquezas das pessoas.

Col. IX.3-7

Pois você espoliou muitos povos, mas todo o restante dos povos espoliarão você. a interpretação se refere aos últimos sacerdotes de Jerusalém, que juntaram riqueza e lucro espoliando as pessoas; mas no fim dos dias suas riquezas junto com seus espólios serão dados nas mãos do exercito de Kittim. Pois eles são o resto das gentes...

Neste texto, Habacuque profetiza contra os Babilônios, que havia espoliado muitos povos, inclusive Jerusalém, mas ao final ele também seria julgado e teria o seu fim, o que ocorreu com o advento do domínio dos persas.

A interpretação sectária, porém, fala do julgamento que virá para os últimos sacerdotes de Jerusalém, que espoliaram as pessoas, mas os romanos os

espoliarão ao final. Conforme Eshel, este trecho seria a comprovação que o texto de 1QpHab se refere à tomada de Jerusalém pelo exército romano chefiado por Pompeu, e que é descrito como os Kittim, conforme explicado anteriormente.

Quanto ao domínio dos sacerdotes pelos romanos, Donner⁵⁹ informa que as legiões romanas já vinham se engajando politicamente sobre o oriente e que nos anos sessenta do séc. I a.C. passaram a dominar o reino Hasmoneu.

Ainda quanto à tomada de Jerusalém por Pompeu, Wheeler Robinson⁶⁰ nos informa:

Pompeu marchou contra Jerusalém e Aristóbulo pessoalmente se rendeu a ele, porém os seus seguidores saduceus fizeram uma resistência de três meses no templo [...]. Em 63 a.C. o monte do templo foi capturado, e Pompeu fez sua famosa visita ao Santo dos Santos (tradução nossa).

Col. IX.8-12

Devido ao derramamento de sangue e violência feita a terra, a cidade e a todos os seus habitantes. *A interpretação se refere ao Sacerdote Iníquo a quem – devido ao erro feito ao Mestre da Justiça e seus companheiros – Deus deu nas mãos de seus inimigos para humilhá-lo com o mal de aniquilação em desespero, porque ele agiu impiamente contra os seus escolhidos.*

O texto canônico continua se referindo ao julgamento dos babilônios devido à violência que eles demonstraram na conquista da terra de Israel, da cidade de Jerusalém e seus habitantes.

A interpretação sectária, porém, atribui o julgamento referindo-se o Sacerdote Iníquo que tratou mal o Mestre da Justiça e seus companheiros. Na sequência do *pesher* na Col. X.5 é informado que Deus castigará este Sacerdote com o fogo de enxofre, significando que ele será lançado no Sheol para sofrimento.

Col. X.5-13

Ai daquele que constrói uma cidade com sangue e funda uma cidade com iniquidade. Não são estes da parte de Deus dos Exércitos. As pessoas se cansam para o fogo e as nações se fatigam para nada. *A interpretação desta passagem se refere àquele que divulga a mentira, que causou muitos errarem, construindo uma cidade de vaidade com derramar de sangue e estabelecendo uma congregação com engano, para a sua*

⁵⁹ DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. São Leopoldo: SINODAL, 1995.p.512. “As legiões da república romana, que haviam começado a se engajar politicamente no Oriente já desde mais ou menos 200 a.C., passaram, nos anos sessenta do séc. 1 a.C., como um rolo compressor por cima dos países do Oriente Próximo e eliminaram os restos do Reino Selêucida, assim como os pequenos estados e também o Reino Hasmoneu na Palestina.”

⁶⁰ ROBINSON, H. Wheeler. *The History of Israel, its facts and factors*. London: Thomas Nelson&Sons, 1947. p.191. “Pompey marched on Jerusalem and Aristóbulus personally surrendered to him, but his Sadduceans followers stood a siege of three months in the temple, the city itself being surrendered by the partisans of Hyrcanus. In 63, the temple monte was captures, and Poompey made his famous visit to the Holy of Holies.

glória fazendo muitos se esforçarem no serviço da vaidade e enchendo-os com obras de mentira, como resultado que seus esforços são para nada, de forma que eles vem para os julgamentos de fato, porque eles maltrataram e difamaram o eleito de Deus.

Neste texto, Deus, pela boca do profeta, critica a Babilônia por edificar a cidade com o sangue, cujo propósito último é para nada. Assim destaca que não vem da parte de Deus que as pessoas (os povos) se cansem para nada.

A interpretação sectária continua atribuindo este julgamento citado no texto canônico ao Sacerdote Iníquo, pois levou muitos a errarem, divulgando a mentira e estabelecendo sua própria congregação com engano e, por último, maltratando o Mestre da Justiça e seus seguidores que são chamados de eleitos de Deus.

Col. XII.6-14

por causa do derramamento de sangue da cidade e a violência feita a terra, a interpretação é: a cidade é Jerusalém, onde o Sacerdote Iníquo cometeu feitos abomináveis e cometeu sacrilégio ao santuário de Deus. E a violência feita à terra refere-se as cidades de Judá, onde ele roubou a riqueza dos pobres. **Que benefício traz um ídolo quando seu artífice o torneou uma estátua derretida e uma imagem ou falsidade? Pois o artesão confia nas coisas que faz, moldando ídolos mudos.** A interpretação da passagem se refere a todos os ídolos das nações, os quais eles fizeram para que os servissem e se curvassem diante deles, mas eles não os salvarão no dia do julgamento.

Neste ponto do *pesher* aparece claramente a razão do sacrilégio citado anteriormente referente ao Sacerdote Iníquo. Ele construiu ídolos das outras nações para adoração no templo de Jerusalém. Além disso é indicado que este sacerdote explorou os mais pobres roubando as suas riquezas.

Desta forma, o intérprete de Qumran vai mudando a interpretação do texto referente ao julgamento de Babilônia, suas atitudes cruéis e idolatria, e o povo afastado de Deus da época de Habacuque, atribuindo-o a um personagem de época posterior fazendo uma releitura do texto canônico.

Esta releitura não é feita sem prejuízo do texto original, pois se mudam palavras e sentido dos textos para que estes possam se contextualizar às circunstâncias de idolatria e impiedade ocorridas na época do Sacerdote Iníquo.

Alguns “vazios” do texto canônicos são preenchidos, palavras modificadas, estruturas sintáticas são transformadas para que o intérprete possa fazer o texto se referir a acontecimentos de sua época.

Conforme apresentado, claramente se percebe que o intérprete de Qumran dá ao texto uma interpretação toda particular, interpretação esta que vai moldar a

estrutura social e religiosa da comunidade, inserindo-as dentro de um contexto escatológico.

Esta visão escatológica, onde se insere a comunidade que foi formada pelo Mestre da Justiça, que sofreu injustamente através do Sacerdote Iníquo e também foi traído pelo Homem da Mentira e que pelo esforço do Mestre da Justiça forma uma comunidade de justos seguidores da Lei, permeia os diversos documentos sectários como o Documento de Damasco, o Rolo da Guerra, a Regra da Comunidade e vários *pesharim* como o do livro de Salmos, e do livro de Habacuque analisados nesta pesquisa.

Importante destacar que o papel do Mestre da Justiça não foi somente o da formação da comunidade e do estabelecimento de suas regras, mas ele foi considerado como um divisor entre aqueles que acreditam em suas palavras e que serão salvos no final dos tempos e aqueles que não acreditam nele, para os quais está destinada a perdição.

Também depreendemos do texto analisado o ambiente apocalíptico no qual se encontrava a comunidade, ambiente do qual floresceram inúmeras obras judaicas que caracterizaram este ambiente nas décadas anteriores ao aparecimento do cristianismo.

A interpretação apresentada neste manuscrito, com referência ao texto canônico de Habacuque, demonstra, portanto, a reação a certas atitudes contrárias à religião tradicional e a preocupação da restauração da pureza cerimonial e moral do povo e principalmente dos líderes religiosos que os guiavam.

3. OS TEXTOS DE QUMRAN E AS VARIÁVEIS DE MILGRAM

3.1. Verificação das variáveis de Milgram na Comunidade

Neste ponto da pesquisa estamos interessados em verificar a hipótese de que as mesmas variáveis encontradas no experimento de Milgram estão presentes em um ambiente no qual surge uma nova interpretação do texto bíblico, que na nossa pesquisa é a Comunidade de Qumran, comprovando que os aspectos psicossociais que impõem comportamentos são os mesmos daqueles que impõem interpretações.

A Variável 1 se relaciona à ligação da(s) pessoa(s) com o autor da nova interpretação numa relação de autoridade-submissão.

Como verificamos no capítulo II, o Mestre da Justiça é sacerdote da linhagem sacerdotal de Sadoque, linhagem aprovada para ofício sacerdotal desde o reinado de Salomão. É de uma linhagem que lhe confere autoridade para liderança religiosa.

Importante destacar que, na época, a autoridade estava fundada na linhagem genealógica. O registro genealógico era prova necessária e suficiente para demonstrar a autoridade sacerdotal, tendo-a perdido todos aqueles que não a conseguissem comprovar pelos registros genealógicos como indicado no texto canônico de Esdras⁶¹.

Além disso, a comunidade o tinha como uma pessoa escolhida por Deus para interpretar as Escrituras, e para tanto, Deus lhe tinha revelado mistérios que nem mesmo o profeta canônico Habacuque conhecia. Esta revelação espiritual conferia ao Mestre da Justiça tanta autoridade, a ponto de se considerar que aqueles que não ouvissem as suas palavras não eram destinados a vencer a batalha escatológica da luz contra as trevas a ser travada no final dos tempos.

Como visto no Capítulo 2, Deus incumbiu o Mestre da Justiça com a responsabilidade de formar uma comunidade de fiéis preparados para o fim dos tempos. A relação de submissão ao Mestre da Justiça tinha, por isso, até uma causa originária da própria comunidade.

⁶¹ Ed 2.62. “Estes buscaram o seu registro entre os que estavam registrados nas genealogias, mas não se acharam nelas; pelo que por imundo foram rejeitados do sacerdócio” (ARC)

As declarações interpretativas do Mestre da Justiça se impuseram, então, por uma relação de autoridade-submissão que durou até por volta do final do século I a.C. quando então os *pescharim* deixaram de ser copiados.

Assim, concluímos que esta variável se encontrava na comunidade de Qumran e se expressava basicamente na pessoa do Mestre da Justiça, o que colaborou na fixação da nova interpretação qumrâmica do texto de Habacuque.

A variável 2 se relaciona ao envolvimento em um grande projeto, contendo um objetivo maior além das fronteiras locais ou limites temporais.

A comunidade em Qumran acreditava que eles eram os escolhidos para participar da luta escatológica contra as trevas e que seriam ajudados pelos anjos enviados por Deus. Esta luta duraria quarenta anos e precisavam estar preparados para quando ela fosse acontecer. Obedecer aos ensinamentos e interpretações apresentados na comunidade⁶², cuja origem se encontrava no Mestre da Justiça, era essencial para a vitória nesta guerra cósmica.

A obediência irrestrita às normas e interpretações era tão necessária que aqueles que discordassem delas sofriam penitências ou, em casos mais graves, eram expulsos da comunidade.

A obediência às regras de purificação e aos ensinamentos passados pelos sacerdotes sadoquitas⁶³ da comunidade era essencial para a vitória cósmica do povo de Deus, por isso, eles criam participar de um projeto maior, pois se tratava do futuro da humanidade.

O resultado desta batalha final dependia da aceitação da revelação dada por Deus ao Mestre da Justiça, pois esta se daria com os homens da luz lutando ao lado dos anjos de Deus contra as hostes (lote, na linguagem qumrâmica) de Belial.

Desta forma, o envolvimento do indivíduo num movimento contendo um propósito maior, mais abrangente, como o encontramos em Qumran, funcionou como um elemento psicologicamente coercitivo para aceitação de uma nova interpretação.

⁶² Como por exemplo a da composição do espírito daqueles que querem ingressar na comunidade (partes boas e partes ruins), as leis da alimentação (comum só a partir de dois anos) a incorporação dos bens particulares nos bens da comunidade a partir do segundo ano de ingresso – 1QS.

⁶³ MARTINEZ, 1992, p.51. “Esta é a regra para os homens da comunidade que se oferecem voluntariamente para converter-se de todo mal e para manterem-se firmes em tudo o que ordena segundo a sua vontade. Que se separam da congregação dos homens de iniquidade para formar uma comunidade na lei e nos bens, e submetendo-se à autoridade dos filhos de Sadoc [...]” (1QM, col. V.1-2).

A variável 3 se relaciona à pressão constante e crescente a ser imposta à pessoa ou ao grupo no sentido de manter a interpretação estabelecida.

Percebe-se no texto do *pesher* de Habacuque (1QpHab) uma pressão psicológica que faz condenação àqueles que não aceitarem a interpretação e os ensinamentos do Mestre da Justiça.⁶⁴

Na Regra da Comunidade – 1QS – a entrada de uma pessoa na comunidade era permitida não sem antes passar pela avaliação de uma pessoa da comunidade habilitada para inquirir a respeito das intenções do candidato, conhecer o seu “espírito” e compromisso com as regras estabelecidas e obediência aos ensinamentos⁶⁵.

O não cumprimento às regras ou desobediência passava por uma punição que, em último caso, chegava à expulsão do indivíduo da comunidade. Havia, portanto, uma pressão psicológica, estatutária e até religiosa, visto que aqueles que não se adequassem às regras e interpretações perderiam as bênçãos que Deus estabeleceu para seu povo no fim dos tempos, resultando na sua danação eterna.

Este tipo de pressão se encontra em muitos grupos religiosos hoje, no sentido de apontar a condenação eterna àqueles que saírem de seu círculo de influência. Não há salvação “lá fora”, diz-se muitas vezes, e diante desta pressão as pessoas ficam psicologicamente presas ao medo, adotando a interpretação exclusivista daquela comunidade, pois de outra forma, estariam condenadas.

A variável 4 se relaciona à transferência de responsabilidade da parte do indivíduo pertencente à comunidade para o corpo doutrinador de Qumran. Embora esta variável pareça não estar presente no interior da comunidade, uma análise mais detalhada mostra ao contrário.

No capítulo II, a análise do texto sectário de 1QpHab⁶⁶ referente ao texto canônico conhecido “mas o justo viverá da fé”, apresenta como interpretação desta

⁶⁴ 1QpHab col. I.16 – col. II.10 – “A interpretação da passagem se refere aos traidores juntamente com o Homem da Mentira, porque eles não creem nas palavras do Mestre da Justiça que vieram da boca de Deus. E se refere aos traidores da nova aliança pois eles não eram fiéis a aliança de Deus, mas profanaram o seu santo nome [...] da mesma maneira [...] a interpretação da passagem se refere aos traidores nos fins dos dias. Eles são os cruéis da aliança que não crerão quando escutarem tudo o que está para vir sobre a última geração da boca do sacerdote em cujo coração Deus colocou entendimento para interpretar todas as palavras dos seus servos os profetas por meio dos quais Deus enumerou todas as coisas que virão sobre seu povo e sobre sua congregação.”

⁶⁵ MARTINEZ, 1992, p.50-52.

⁶⁶ A interpretação é que todos os que observam a Lei na Casa de Judá aos quais Deus salvará da casa do julgamento por causa da tribulação deles e fidelidade ao Mestre da Justiça.

fé, a confiança no Mestre da Justiça. O que se interpretava era que o indivíduo não somente deveria observar o cumprimento da Lei, mas também confiar naquilo que o Mestre da Justiça ensinasse para que fosse considerado como justo.

A transferência da caracterização da justiça do âmbito da responsabilidade pessoal para a responsabilidade do Mestre da Justiça, é indicativa então da presença desta quarta variável. Se ao final o participante não fosse considerado por Deus digno da participação do reino, era ao Mestre da Justiça que deveria recair a culpa, pois foi a ele delegada a função de ensinar as revelações de Deus.

A variável 5, se relaciona à influência da conformidade no estabelecimento de uma nova interpretação. Conforme foi visto no Capítulo 1 que tratou do experimento de Milgram, as opiniões dos cúmplices na aplicação dos choques ao aprendiz influenciava o comportamento do voluntário, reforçando-o na mesma direção.

Na comunidade de Qumran, dada a rigidez das regras e a uniformização da interpretação em torno dos ensinamentos trazidos pelas revelações do Mestre da Justiça, criava-se um ambiente de unanimidade que resultava em um efeito de conformidade com as interpretações. Em outras palavras, “todos falavam pela mesma cartilha”. A oposição não era tolerada.⁶⁷

Desta forma, o noviço na comunidade era impactado pela influência da conformidade trazida por seus pares, o que reforçava ainda mais a unanimidade e aceitação da interpretação trazida pelo Mestre da Justiça.

Entendo que esta variável relacionada à conformidade pode não somente se referir a um ambiente sob pressão das opiniões, mas também a um ambiente sob pressão das circunstâncias em um significado mais abrangente. As circunstâncias, em determinando momento histórico e os fatos ocorridos podem influenciar no sentido de se estabelecer uma determinada interpretação.

A expulsão do grupo sacerdotal sadoquita dissidente (que deu a gênese do grupo de Qumran) pelo grupo majoritário de Jerusalém, este acusado por aquele por práticas condenadas na Torah criaram as circunstâncias que embasaram a

⁶⁷ MARTINEZ, 1994, p.54. “porém aquele que difama os Numerosos, será expulso dentre eles e não voltará mais. E aquele que murmura contra o fundamento da comunidade o expulsarão e não voltará [...] porém todo aquele que tiver estado no conselho da comunidade [...] durante dez anos completos [...] e cujo espírito se volta para trair a comunidade e sai da presença dos Numerosos para caminhar na obstinação do seu coração que não volte mais ao conselho da comunidade. E aquele dentre os homens da comunidade que se associa a ele em matéria de pureza ou de bens, que [...] os Numerosos, e seu juízo seja como o seu, que seja expulso” (1QS).

interpretação da responsabilidade escatológica do grupo de Qumran no estabelecimento da justiça eterna e castigo divino nos últimos dias.

Neste sentido mais abrangente, as circunstâncias também reforçariam a interpretação do Mestre da Justiça referente a um julgamento iminente de Deus, pois as condições de impiedade do corpo sacerdotal de Jerusalém, cujo líder a comunidade denominava de Mestre Iníquo, reforçariam pela circunstância, o que a interpretação apresentada pelo Mestre da Justiça ditava.

A batalha da luz contra as trevas traria o fim das iniquidades e a chegada da justiça eterna cujos participantes seriam aqueles que tem fé no Mestre da Justiça.

A dominação romana em ascendência desde o século III a.C. que se fazia perceber nas regiões ao redor do Mediterrâneo foram as circunstâncias determinantes na mudança de interpretação dos Babilônios (conforme texto do profeta Habacuque) pelos romanos como o instrumento da execução da justiça divina conforme a interpretação apresentada no texto do *pesher* em estudo.

Assim, as circunstâncias convergiriam, impondo uma determinada opinião, e que desta forma resultariam em uma determinada interpretação. Este efeito pode também ser considerado como de conformidade.

Vê-se, portanto, como as circunstâncias podem agir, pela via da conformidade, no sentido de reforçar uma determinada interpretação.

A variável 6 se refere à desvalorização do outro, presente no mecanismo de imposição de uma interpretação. Percebe-se pelo texto estudado no *pesher* de Habacuque, que para a comunidade de Qumran se considerar como participante dos propósitos cósmicos de Deus, precisavam se considerar como justos, e para isso denigre o grupo de oposição em Jerusalém, considerando-os iníquos e governados pelo Sacerdote Iníquo⁶⁸.

Aqueles que discordam das interpretações estabelecidas pelo Mestre da Justiça são considerados “traidores” e seu líder “Homem da Mentira”.

Além do texto estudado nesta pesquisa (1QpHab) em outros textos sectários como a Carta Haláquica, o Rolo do Templo e o Documento de Damasco há condenações a respeito do partido rival de Jerusalém, que estaria envolvido na impiedade, na impureza cerimonial e outros pecados morais.

⁶⁸ [...] **porque o ímpio cerca o justo**. A interpretação disso: quem é ímpio é o Sacerdote Iníquo e o justo é o Mestre da Justiça [...]. 4QpHab I.12-13.

No Documento de Damasco (CD), por exemplo, faz-se referência aos três pecados que Levi teria ensinado a seus filhos a evitar: a fornicação, a riqueza e a contaminação do templo⁶⁹. Em todos estes o partido rival de Jerusalém teria pecado não dando ouvido ao ensinamento de seu patriarca Levi.

Assim a variável 6, referente à desvalorização do grupo rival, está presente na comunidade de Qumran e serviu de reforço para a fixação da interpretação adotada pelo Mestre da Justiça.

Desta forma, demonstramos que as seis variáveis extraídas do experimento de Milgram estavam presentes na comunidade de Qumran, o que se despreende da análise de seus textos sectários.

3.2. A presença das variáveis em outros casos ao longo da história

Tendo comprovada a hipótese de que os fatores psicossociais retirados do experimento de Milgram estavam presentes no aparecimento da nova interpretação, pelo método indutivo podemos, pois, inferir que em maior ou menor grau essas variáveis estarão presentes em outros contextos históricos nos quais houve o aparecimento de uma interpretação particular de determinado texto.

Podemos, pois, como corroboração, verificar a presença destas mesmas variáveis em outros eventos da história tomando alguns exemplos mais conhecidos.

A Reforma Protestante⁷⁰ - É inegável o fato de que a Reforma trouxe novas considerações a respeito de como se devia entender e interpretar a Bíblia.

Esta nova interpretação trouxe novas doutrinas que estabeleceram o princípio do “*sola scriptura*”, a predestinação, a inerrância da Bíblia, a diminuição da importância da teologia natural (pelo menos no calvinismo), o retorno a uma visão menos Tomista⁷¹ e mais Agostiniana.

⁶⁹ MARTINEZ, 1994, p.78. “São as três redes de Belial, sobre as quais falou Levi, filho de Jacó, nas quais captura Israel e as faz aparecer diante deles como três espécies de justiça. A primeira é a fornicação; a segunda, a riqueza; a terceira, a contaminação do templo. O que escapa de uma é capturado na outra, e o que é resgatado desta, é capturado na outra.” (CD-A, col IV. 15-19).

⁷⁰ A Reforma foi um movimento originado de dentro da Igreja Católica, oficialmente iniciado em 1517, quando Martinho Lutero afixou suas 95 “teses” na porta da igreja de Wittenberg em protesto contra o estado de coisas que ocorria na igreja de então. O movimento se expandiu, formando um ramo dissidente do cristianismo católico dentro da Alemanha, originando o Luteranismo. Suas propostas foram aceitas também em outros lugares da Europa e sistematizadas por Calvino, originando o Calvinismo, que juntamente com o Luteranismo formam as duas grandes vertentes do protestantismo.

⁷¹ Tomás de Aquino aplicou ao cristianismo a filosofia Aristotélica, cujos escritos durante muito tempo foram conhecidos dos árabes. Sobre Aristóteles Lutero disse: “Quem quiser filosofar sem perigo em

Desta forma, nesta guinada no viés interpretativo e doutrinário da Igreja⁷², podemos identificar as variáveis que temos apresentado nesta pesquisa.

Variável 1 – Martinho Lutero foi um líder que firmou sua autoridade por meio do carisma e conhecimento bíblico. Foi doutor em Teologia e firmou o entendimento da salvação pela fé. Na ala calvinista, João Calvino, pessoa influente não só teologicamente, mas também politicamente, dado seu envolvimento na administração de Genebra onde viveu durante vários anos, cuja obra principal de sua teologia é conhecida como *As Institutas*.

Fundados nas suas autoridades, firmaram as bases da fé protestante elaborada durante a “Escolástica Protestante”⁷³, época da consolidação das principais doutrinas do protestantismo como o “*sola scriptura*”.

Poder-se-ia dizer que estes homens estabeleceram uma “nova” interpretação das Escrituras, quando se compara com os ensinamentos vigentes advindos da Igreja de Roma. A autoridade destes homens e suas influências no movimento protestante efetivaram a presença da Variável 1, estabelecendo uma relação de autoridade-submissão.

Variável 2 – Calvino e principalmente Lutero, estavam convictos que estavam realizando uma grande obra de reforma da Igreja. Inicialmente a ideia não era estabelecer uma igreja separada, mas uma reforma na igreja já existente. Era um projeto grandioso de influência abrangente.

Eles estavam certos da responsabilidade da grande tarefa que lhes era incumbida de preservar a igreja das heresias e manter uma sã doutrina, interpretando

Aristóteles precisa antes ser bem tolo em Cristo” (Martinho Lutero: Obras Seleccionadas. São Leopoldo: Sinodal/Concórdia, 1987. Vol 1, tese 29, página 39).

⁷² CHAMPLIN, Russel Norman e Bentes, João Marques. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. São Paulo: Candeia, 1997, vol. 5, p.478. Em vários pontos importantes a nova interpretação protestante se distanciou da católica: 1) Foi tomada uma posição mais restrita acerca da autoridade, e as Escrituras Sagradas foram eleitas a única regra de fé e prática; 2) Retorno ao agostinianismo; 3) A autoridade papal foi rejeitada, sendo este em alguns casos considerado como o Anticristo; 4) Rejeição do conceito das indulgências; 5) Rejeição da veneração à Maria e oração intercessória dos santos; 6) Rejeição da inerrância dos Concílios; 7) Adoção do determinismo em contraste com a visão do livre arbítrio do catolicismo; 7) Rejeição da idéia que somente o corpo eclesiástico pode interpretar as Escrituras, com forte ênfase no estudo individual da mesma.

⁷³ COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *Raízes da teologia contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p.235. “O período entre a Reforma e o Iluminismo, ou mais precisamente, o século XVII, é conhecido na história da teologia protestante como “Escolasticismo Protestante”, “Ortodoxia Protestante” ou “Confessionalista” que se caracterizou por uma preocupação profunda e sistemática pelo rigor doutrinário, elaborando com riquezas de detalhes os posicionamentos teológicos da Igreja, conforme a compreensão da amplitude da revelação bíblica. Podemos dizer que este período consistiu na sistematização das doutrinas da Reforma [...] A denominação “Escolasticismo” aplicada a este período da teologia protestante, significa na visão de Hugh R. Mackintosh (1870- 1936) uma disposição de ânimo intelectual que pode invadir qualquer tema em qualquer época”.

as revelações contidas no texto bíblico de uma forma lógica e racional⁷⁴. Portanto, temos o envolvimento dos principais personagens desse contexto histórico em um grande projeto, o qual se constituía em terreno fértil para a consolidação de novas interpretações, como se realmente aconteceu.

Variável 3 - A pressão constante foi essencial para a manutenção do movimento protestante. A tradução da Bíblia para a língua alemã fez com que fosse democratizado o conhecimento das Escrituras, a exportação do movimento para fora das fronteiras da Prússia, o advento da imprensa de Guttemberg. Tudo isso contribuiu como uma pressão constante para a manutenção das novas interpretações dadas pelo movimento protestante.

A oposição por parte da Contra-Reforma, simplesmente intensificou ainda mais esta pressão contrária, empurrando o movimento da Reforma para frente ajudando a solidificar e estruturar a nova interpretação⁷⁵. Esta é mais uma variável psicossocial das que temos apresentado que está presente no movimento da Reforma.

Variável 4 – A transferência de responsabilidade, neste caso, é pouco percebida, pois devido à democratização dos novos ideais, cada pessoa poderia assumir e acatar os novos postulados da Reforma. Porém quando a igreja de Roma decidiu julgar os responsáveis, convocou Lutero para depoimento em Worms em reunião presidida pelo imperador católico Carlos V.

Variável 5 – A conformidade se deu pelo reconhecimento da Reforma pelos demais príncipes dos reinos regionais dentro do império. Além disso, a situação caótica moral da igreja naqueles dias identificava de modo geral a necessidade de uma reforma em suas estruturas formando uma conformidade pelas circunstâncias.

A exploração do povo humilde e a arrecadação quase compulsória de recursos da população por meio das indulgências, o comportamento imoral dos religiosos na cidade de Roma foram fatores que sinalizavam a necessidade de que tal estado de coisas deveria mudar e que funcionaram como elementos circunstanciais de conformidade que faziam impor uma nova interpretação adequada à situação da época.

⁷⁴ COSTA, 1987, p. 242. “O objetivo dos teólogos desse período foi preservar a doutrina bíblica de heresias, principalmente de heresias romanas, apresentando um todo sistematizado que pudesse servir de manual doutrinal e confessional da Igreja.”

⁷⁵ Como afirmava Paul Tillich sobre a Ortodoxia Protestante: “É a sistematização e a consolidação das idéias da Reforma, desenvolvidas em contraste com a Contra-Reforma.” TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 1988. p. 251.

Variável 6 – Com o movimento da Reforma, houve uma desvalorização de todo o sistema eclesiástico da igreja romana, junto com suas doutrinas de purgatório, oração aos santos, consideradas heresias pelo segmento protestante.

Nesta época vários líderes protestantes europeus e ingleses, adotaram uma interpretação historicista dos eventos do Apocalipse, atribuindo ao papa o papel do Anticristo profetizado no capítulo treze do livro de Apocalipse e à Igreja Romana a prostituta do capítulo dezessete⁷⁶.

Desta forma, a crítica ao sistema eclesiástico católico servia como um catalisador para a consolidação das doutrinas protestantes.

Assim, como vimos, também na Reforma Protestante podemos identificar as mesmas variáveis.

Cabe destacar a importância desta variável nas dicotomias ao longo de todo o texto bíblico. Por exemplo, a fixação da ideia do céu como um lugar bem aventurado e de delícias é facilitado pela apresentação de seu oposto, o inferno, como um lugar de sofrimento e perdição. Também a consagração do nível mais elevado da moral cristã é fixada pelo seu oposto, ou seja, a desvalorização da moral secular, afastada de Deus com suas consequências maléficas.

Portanto, a força na fixação de uma determinada interpretação ou opinião se obtém pela desvalorização da opinião contrária.

Outro fato histórico no qual podemos identificar as variáveis apresentadas foi o advento do cristianismo primitivo que trouxe uma ampliação de conceitos veterotestamentários e a introdução de uma nova moral adaptada aos novos tempos.

Variável 1 – Representa a autoridade Jesus e a relação de submissão de seus discípulos. Esta autoridade posteriormente foi delegada aos apóstolos a quem coube oficialmente a continuação do ministério fundante da Igreja cristã.⁷⁷

A importância da ressurreição de Jesus nos ensinamentos de Paulo passa pelo critério da autoridade, pois como diz ele, se Cristo não morreu é vã a fé⁷⁸. Em outras palavras, não haveria autoridade suficiente para estabelecer uma nova fé visto que o profeta originário seria mais um profeta morto.

⁷⁶ NEWPORT, Kenneth G.C. *Apocalypse & Millennium*. CAMBRIDGE: University Press, 2000. p.48. “[...] the book of revelation was used in a way complementary to the general anti-Catholic views of eighteenth-century English Protestants. This use of Revelation must be seen in the context of the underprivileged status of Catholics during that period, whose lines did not fall in pleasant places.”

⁷⁷ Efésios 2.20 – Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina.

⁷⁸ I Co 15.17.

Variável 2 – As novas doutrinas apresentadas representavam o fundamento de um novo povo espiritual composto não somente de judeus, mas também dos gentios (gregos, romanos e bárbaros). A composição deste povo de caráter mais universal e não somente representado pelos judeus, requeria uma reinterpretação das Escrituras.

Era um envolvimento dos discípulos em um movimento universal e espiritual de formação de um corpo místico muito mais importante que o grupo religioso concentrado exclusivamente no judaísmo.

A nova interpretação que o cristianismo apresentava para a vontade de Deus era mais profunda e continha um significado mais abrangente, incluindo na graça de Deus outros povos antes rejeitados pela religião oficial, por considerá-los impuros.

Embora para alguns exegetas, não considerado original⁷⁹, o texto da mulher adúltera do Evangelho segundo João capítulo 8, demonstra a profundidade maior e o significado existencial da nova interpretação que Jesus trazia sobre as pessoas.

Para os religiosos da época, a mulher deveria ser apedrejada pelo seu erro. Na interpretação que Jesus apresentou, a situação da mulher não diferia existencialmente da de qualquer ser humano, devendo procurar sua restauração e não sua destruição.

É importante destacar que, apesar dos vários pontos de contato entre o helenismo e as doutrinas cristãs, estas se apresentaram como um elaboração original⁸⁰.

A maior profundidade na compreensão da natureza humana e a universalidade do Evangelho era um grande “projeto” que serviu como um fator que ajudou o cristianismo a impor seus valores.

⁷⁹ Uma das provas de que a perícopé da mulher adúltera não seria original são as várias posições que ela ocupa nos Evangelhos. O grupo de manuscritos conhecidos como família 1 - f¹ - séc X a XII, coloca esta perícopé no final do evangelho de João, e na família 13 - f¹³ - séc. XI a XV – coloca-a nos sinóticos.

⁸⁰ CULLMAN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Tradução Daniel Costa e Daniel Oliveira. São Paulo: LIBER, 2001. p. 413. “Fundada nestes acontecimentos, a cristologia do Novo Testamento foi concebida na perspectiva da salvação. Esta cristologia não é um mito que teria sido imposto de fora a um Kerygma alheio à história da salvação. A forma em que os primeiros cristãos elaboraram as diversas concepções cristológicas, seu desenvolvimento e sua significação teológica, coisa que temos estudado, prova o contrário. Os muitos, já os constatamos, elementos tomados do meio ambiente helenístico para expor a história cristológica da salvação nada muda disto: a cristologia, entendida como uma obra de salvação que se desenvolve desde a criação até a nova criação escatológica e que tem por centro a vida de Jesus, em si, não pertence a ditos elementos helenísticos.”

Variável 3 – A pressão contínua para a manutenção desta reinterpretação foi mantida pelo vigor missionário e a manifestação sobrenatural do Espírito sobre a nova igreja.

Não se pode, porém, desprezar o efeito coercitivo psicológico contido nas declarações de condenação feitas pelos apóstolos para aqueles que se desviarem do caminho apresentado. O próprio apóstolo Paulo, na sua epístola aos Gálatas, exorta a não aceitar outro evangelho além daquele que ele apresenta⁸¹.

Além disso, posteriormente à fase inicial de desenvolvimento da Igreja, houve a estatização da religião que foi também uma força coercitiva que pressionava gradativamente a adoção dos novos ideais.

Começando gradativamente com o término da perseguição pelo Édito de Milão de Constantino⁸², consolidou-se finalmente pela imposição compulsória do cristianismo pelo imperador Teodósio⁸³.

Variável 4 – Aos apóstolos competia a responsabilidade de apresentar as novas revelações do cristianismo nascente. Estes pagavam com a própria vida o preço da introdução das novas doutrinas cristãs⁸⁴. A responsabilidade pela nova doutrina cabia aos apóstolos que condenavam qualquer evangelho pregado que não fosse conforme o apresentado por eles.

Variável 5 – O testemunho de transformação de vidas e os milagres funcionavam como uma pressão de conformidade sobre os que ouviam tais fatos autenticando a nova interpretação apresentada pelos apóstolos.⁸⁵

⁸¹ Gálatas 1.8-9: “Mas ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema. Assim como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo: se alguém vos anunciar outro evangelho além daquele que já recebestes seja anátema” (ARC).

⁸² Édito de Milão: “[...] Assim, convém que Vossa Excelência saiba que decidimos suprimir todas as restrições contra os cristãos, encaminhadas a Vossa Excelência nos escritos anteriores, e abolir as determinações que nos parecem totalmente infelizes e estranhas à nossa brandura, assim como permitir, a partir de agora, a todos os que pretenderem seguir a religião dos cristãos, que o façam de modo livre e completo, sem serem aborrecidos ou molestados.”

⁸³ Código de Teodósio: XVI,10,4: “[...] Fica decretado que em todos os lugares e em todas as cidades os templos [pagãos] deverão ser fechados definitivamente e, após uma advertência geral, também a possibilidade do pecado será proibida ao ímpio. Decretamos, ainda, que os sacrifícios [aos deuses] não serão mais realizados. E se alguém cometer tal crime, será ferido com a espada da vingança; decretamos que a propriedade do executado poderá ser tomada pela cidade e os governadores das províncias serão punidos da mesma forma se negligenciarem na punição desses crimes”.

⁸⁴ Como se refere Lucas na sua obra historiográfica no livro de Atos capítulo 21 a respeito dos judeus em Jerusalém que falam sobre Paulo: “este é o homem que por todas as partes ensina a todos contra o povo, e contra a Lei, e contra este lugar!”

⁸⁵ Atos 5.12 – E muitos prodígios e sinais eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos.

O apóstolo Paulo declara que até de pessoas ligadas ao imperador ou da guarda pretoriana havia testemunhos de conversões⁸⁶. Através da pressão da conformidade estes testemunhos serviam de coerção social para adoção das novas doutrinas cristãs, o que começou a ocorrer oficialmente por meio de Constantino.

Variável 6 – A nova interpretação das Escrituras, trazida com o advento do cristianismo, incorporava críticas à maneira desordenada de vida, à hipocrisia dos fariseus, aos pecados sexuais dos gregos e romanos, à idolatria pagã. Criou-se então uma divisão entre “as coisas do mundo” e as “coisas de Deus”, divisão que persiste até hoje.

Os preceitos e a nova interpretação das Escrituras eram então reforçados pela crítica ao “mundanismo” e a desvalorização da moral pagã⁸⁷.

Poderíamos analisar ainda outro evento histórico, a Revolução Francesa, por exemplo, e verificar a presença destas variáveis quando da consolidação dos valores de liberdade, igualdade e fraternidade no mundo europeu.

Antes, porém, cabe lembrar de forma geral a sequência de eventos ao longo de toda a revolução.

Antes da revolução ocorreu um período prolongado de crise econômica na França com um crescimento significativo da população pela diminuição da taxa de natalidade e também crise dos preços dos principais itens de consumo da população principalmente do pão, que representava quase metade das despesas para muitas famílias de camponeses.

Paralelamente a este fato, a classe dos burgueses crescia rapidamente pelos lucros auferidos devido ao aumento dos preços e pelo aumento de movimentação de mercadorias vindas de fora devido ao aumento do comércio internacional, carecia de uma representação política maior, dado o peso econômico que esta classe representava na sociedade.

No ápice destas tensões sociais, as classes burguesa e camponesa⁸⁸, cada uma visando seus objetivos próprios, se revoltam contra este estado de coisas, cuja administração monárquica e aristocrática pouco fazia para mudar.

Surgiu então a primeira fase com o advento da revolução em 1789, cujo documento principal “A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, de

⁸⁶ Fp 1.22

⁸⁷ Tg 4.4: “[...] não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus.” (ARC).

⁸⁸ A burguesia e o proletariado do campo e urbano surgem como motores da Revolução.

agosto do mesmo ano, estabeleceu os princípios que deveriam reger o Estado a partir de então⁸⁹.

A esta fase, segue-se a segunda, com o advento da República e elaboração de uma Constituição, que coincidiu com a invasão da França por potências estrangeiras contrárias aos novos caminhos que os franceses estavam tomando e a fase de terror com eliminação daqueles que internamente eram considerados “traidores”⁹⁰.

Ainda acrescentamos aqui, a terceira fase, de estabilização, expulsão das potências invasoras, aumento das fronteiras e consolidação de um império na pessoa de Napoleão Bonaparte, que instituiu o Código Civil, também conhecido como Código Napoleônico, que serviu de base para as Constituições de cerca de 20 nações⁹¹.

Nossa análise se concentrará na primeira fase, que foi a causa primária das mudanças e a base da posterior Constituição francesa e do Código Civil de Napoleão⁹².

Variável 1 – Imposição da relação autoridade – submissão. Esta autoridade se deu não por uma pessoa única, mas pela Assembléia Nacional, composta por representantes dos vários estamentos sociais. As suas decisões eram impositivas, resultados da aspiração do campesinato e dos grupos burgueses da sociedade que estavam em ascensão, mas sem representação política na divisão do poder do Estado.

⁸⁹ CROUZET, Maurice. *História Geral das Civilizações*. Tradução Vitor Ramos. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1995. p.72. “Art.1 – O homem nasce e permanece iguais em direitos. As distinções sociais só podem ser baseadas na utilidade comum. [...] Como todos os cidadãos são iguais a seus olhos [da Lei], são igualmente admissíveis a todas as dignidades, lugares e empregos públicos, segundo a sua capacidade e sem qualquer outra distinção, além de suas virtudes e de seus talentos.”

⁹⁰ CROUZET, 1995. p.114. “A imprensa da época está repleta de notícias da anarquia ou das atrocidades francesas, vistas do exterior, e das perturbações e das insurreições externas, vistas da França. Haveria tropas em movimento ao longo das fronteiras, a bandeira tricolor é insultada no estrangeiro.[...] O manifesto dos príncipes lançado a 10 de setembro, constitui um apelo oficial à intervenção do estrangeiro e à aceitação oficial deste.[...] o rei que solicita, aliás, secretamente a intervenção das potências, parece cúmplice de traição.”

⁹¹ CROUZET, 1995. pp.151, 152. “[...] Mas a França estava cansada de tempestades, e aspirava, há muito, à estabilização: do país, da Europa, dos negócios, do crédito público e privado. Tudo isto, naturalmente no quadro da sociedade sem ordens, sob gestão burguesa.[...] Venha, pois, o Estabilizador. Bonaparte desembarca em Fréjus no 17 de vindemiário do ano VIII e chega a Paris a 14.”

⁹² Conforme dito no plebiscito que confirmaria a nova Constituição, após a chegada de Napoleão: “Cidadãos, a Revolução que se firmou nos princípios que a começaram, está terminada.”

Esta autoridade se deu basicamente considerando a representatividade numérica do povo campestre e econômica daqueles que faziam parte da burguesia, dentro da sociedade francesa.

Exerceu-se, portanto, uma autoridade que alterou as relações de poder atingindo principalmente a aristocracia, a realeza e o clero, autoridade trazida mediante a revolução que criou condições sociais de submissão, o que ajudou a impor a nova ordem contra estas classes privilegiadas⁹³.

Variável 2 – Os idealizadores entendiam que o mundo precisava mudar, e receber os novos lampejos da liberdade e humanismo aliada do Iluminismo em recente ascensão. Esta nova interpretação da ética social iria trazer uma nova sociedade mais justa e mais livre.

Na Declaração dos Direitos Humanos⁹⁴, a Assembléia Nacional francesa estabeleceu a igualdade de direitos desde o nascimento, derrubando o conceito de direitos hereditários, a liberdade de admissão para qualquer que tenha capacidade de trabalhar nos empregos públicos, a extinção da justiça particular, extinguindo o pelourinho e outras formas de justiça privada, liberdade de expressão e de culto entre outras medidas inovadoras⁹⁵.

Era um projeto maior, cujos participantes entendiam ser admissíveis quaisquer sacrifícios em prol de um benefício generalizado e que os motivava a adotarem a nova ordem de coisas.

A importância desses princípios era tão grande que fazia eco nas outras sociedades de então⁹⁶ e tinha reflexos também nas artes⁹⁷.

Para Napoleão, a internacionalização destes princípios faria que todo o continente Europeu se tornasse futuramente um só povo (uma União Européia antecipada?)⁹⁸.

⁹³ CROUZET, 1995, p.63. “Com efeito deixam de existir terras aristocráticas ou terras plebeias, feudos e alódios. A igualdade das terras conseguida desta forma constitui um aspecto da igualdade civil; acontece o mesmo com a supressão do direito de primogenitura, que era válido essencialmente para os bens nobres.”

⁹⁴ CROUZET, 1995, p.73. A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão registra no seu primeiro artigo que “os homens nascem e permanecem livres e iguais em liberdade e direitos. Distinções sociais só podem ser baseadas na utilidade comum.”

⁹⁵ Em 4 de agosto de 1789, no início da revolução francesa, foi abolido o sistema feudal e reorganizada a distribuição das terras confiscadas dos nobres e encampadas pelo estado as riquezas do clero. Os camponeses também ficaram livres da dízima paga aos antigos senhores feudais.

⁹⁶ Tiradentes, proclama em Minas Gerais, os princípios da Revolução Francesa de 1789.

⁹⁷ CROUZET, 1995, p.184. Goethe diria mais tarde que: “sentiu o seu coração exaltar-se e um sangue mais puro encher o seu peito libertado, quando brilhou o primeiro raio do novo sol, do direito dos homens comum a todos, da liberdade embriagadora e da louvável igualdade”.

Variável 3 – A pressão mantida para impor os novos ideais era obtida através da propaganda e da intimidação. Aqueles que discordassem eram guilhotinados⁹⁹.

Havia a imprensa de Marat que propagava os ideais revolucionários e fazia coro à campanha em prol da revolução assustando ou intimidando os aristocratas e propagando palavras de ordem, e que penetrava nos territórios e no exército.¹⁰⁰

A Revolução tornou a imprensa o principal meio das pessoas conhecerem os acontecimentos utilizando-a como um instrumento para as massas¹⁰¹.

Além disso, os acontecimentos que ocorriam no campo, como atacar as propriedades e castelos dos nobres, incendiar documentos de dívidas antigas e outras atitudes violentas executadas pelos camponeses, forçaram as classes privilegiadas a cederem e abdicarem de seus privilégios.

Variável 4 – A responsabilidade pelos acontecimentos estava representada pela Assembléia Nacional cuja responsabilidade recaía sobre os que estavam à frente da revolução, muitos dos quais pagaram com a própria vida sendo guilhotinados também como Robespierre e Danton.

Estes que estavam à frente da revolução no nível mais alto da representação na Assembléia eram os burgueses propriamente ou representados e compunham o partido dos jacobinos.

Variável 5 – A conformidade se dava pela luta comum dos camponeses contra os privilégios da aristocracia e também da burguesia unida contra o alijamento da representação de sua classe.

Criou-se toda uma atmosfera revolucionária que contagiou os próprios militares¹⁰², que não faziam mais questão de conter a multidão, já que esta lutava também em benefício deles.

⁹⁸ CROUZET, 1995, p.216. Se o regime tivesse tido tempo, a Europa, segundo Napoleão, “constituiria em breve apenas um povo, e quem viajasse por toda a parte achar-se-ia sempre na pátria comum.”

⁹⁹ Robespierre, antes um personagem principal da revolução foi posteriormente guilhotinado no início do chamado “Reino do Terror”.

¹⁰⁰ CROUZET, 1995, p.48. A imprensa extremista – tal como o *Ami Du Peuple*, de Marat, fundado em setembro de 1789 – que denuncia pessoas e prega a desobediência às leis, obtêm um êxito de adesão confusa ou de escândalo, intimida ou assusta aristocratas e moderados. Com vontade ou sem ela a nova literatura política garante a propagação das palavras de ordem “aceleradoras” quer as adota quer se indigne com elas.”

¹⁰¹ JONES, Colin. *Paris, biografia de uma cidade*. Porto Alegre: L&PM Editora, 2012. p.126. O maior volume de opiniões e de notícias era transmitido pelos jornais. Provavelmente mais pessoas ficaram sabendo sobre os detalhes da queda da Bastilha por meio da leitura dos jornais do que por outra forma. Antes de 1789 a imprensa era engajada e animada, mas a Revolução a transformou em genuíno meio das massas.

Variável 6 – Houve a desvalorização de antigos sistemas de opressão, mudança de costumes¹⁰³ (um plebeu poderia casar-se com uma princesa), a crítica ao papel religioso da igreja¹⁰⁴, a crítica à discriminação aos judeus, a crítica ao estado religioso (abrindo caminho para o aparecimento do estado laico), crítica aos direitos hereditários, à taxação desmedida que enriqueciam a nobreza e a realeza.

Todas estas críticas e desvalorização de antigos sistemas serviram como reforço para implantação dos novos ideais de liberdade e igualdade.

Poderiam ser encontradas estas variáveis nos demais fatos históricos a partir dos quais foram estabelecidas novas interpretações da história e sociedade como, por exemplo, no advento do Comunismo com o embasamento do Materialismo Histórico de Marx, no fascismo, principalmente aquele advindo por intermédio de Hitler, no Darwinismo¹⁰⁵ na sua explicação biológica da origem e evolução das espécies.

Assim, neste capítulo, verificamos a dependência que a mudança de interpretação dada ao texto canônico do profeta Habacuque presente no *peshet* 1QpHab de origem sectária tem das variáveis de Milgram.

Corroboramos ainda a presença destas variáveis em outros fatos históricos tomando como amostragem os fatos apresentados neste tópico.

¹⁰² Quanto aos militares Crouzet vai informar: “A partir de junho-julho de 1789, a atmosfera revolucionária conquista-os, tanto mais quanto também sofrem com a carestia da vida e acreditam, como toda a gente, na responsabilidade dos açambarcadores e na cumplicidade da alta administração.” CROUZET, 1995, p.49.

¹⁰³ Passou a ser proibido a ostentação de privilégios hereditários representativos de nobreza como usar ou conceder títulos de príncipe, duque, conde, escudeiro, intitular-se Excelência ou Alteza.

¹⁰⁴ Ao longo da revolução, a igreja teve seus bens confiscados para fazer frente à necessidade de capitalização do Estado devido à revolução. Os clérigos eram, agora, pagos pelo Estado e deviam zelar pelo cumprimento das leis e apoiar o governo.

¹⁰⁵ A pressão do Darwinismo sobre o cristianismo acabou por produzir neste a ideia do “evolucionismo teísta”, uma tentativa de conciliação entre o criacionismo e evolucionismo, cujo defensor na época foi o evangelista Asa Gray, e no século XX o teólogo Pierre Teilhard de Chardin. Também a origem da “ciência da criação” é uma resposta ao surgimento do Darwinismo, na tentativa de argumentar nas mesmas bases científicas.

CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS DE NOVAS PESQUISAS

Na introdução deste trabalho, apresentamos nossa hipótese de que as variáveis extraídas do experimento de Milgram, que se relacionam a aspectos de imposição de comportamentos, estariam presentes em um ambiente em que se imporiam novas interpretações do texto bíblico.

Conforme apresentado no Capítulo 1, mais especificamente no item 1.3, identificamos seis tipos de variáveis que no experimento de Milgram influenciam na imposição de comportamentos. Estas variáveis identificadas como de números um a seis, se referem a: 1) ligação com aquele que impõe o comportamento numa relação autoridade-submissão; 2) envolvimento em um grande projeto; 3) aumento gradativo de pressão para obtenção do comportamento desejado; 4) transferência de responsabilidade; 5) conformidade e 6) desvalorização do outro.

Portanto, as seis variáveis, quando presentes em um determinado contexto histórico, fertilizam o ambiente com estruturas psicossociais de onde poderão surgir novos comportamentos.

No capítulo 2, analisamos a interpretação do texto canônico de Habacuque presente no texto sectário do *pesher* de Habacuque, conforme era considerado na comunidade de Qumran, e identificamos uma interpretação contextualizada, diferente daquela apresentada aos judeus pelo profeta canônico contemporâneo a eles.

Caracterizamos o ambiente no qual a comunidade de Qumran vivia, inferindo-o do texto analisado do *pesher* de Habacuque, e verificamos quais as condições psicossociais que estavam presentes no ambiente e também que a nova interpretação do texto canônico adotada pela comunidade se conformava às mesmas.

No Capítulo 3, verificamos que as mesmas variáveis que estruturam o ambiente originando mudanças de comportamento e identificadas no Capítulo 1 foram encontradas no ambiente no qual se originou a nova interpretação do texto canônico do profeta Habacuque, concluindo indutivamente a veracidade da hipótese adotada de que as mesmas variáveis que induzem comportamento nas pessoas estão presentes no ambiente em que se produzem novas interpretações.

Ainda no Capítulo 3, como corroboração de nossa conclusão, apresentamos outros eventos históricos que envolveram mudança de interpretação onde também se verificou a presença das mesmas variáveis analisadas.

Ao final é importante destacar que esta pesquisa a respeito das variáveis que contribuem para a solidificação de novas interpretações abre novos horizontes para investigações posteriores com detalhamento de fatos ainda não totalmente esclarecidos. Por exemplo, as variáveis presentes nas diversas situações históricas poderiam aparecer em intensidades diferentes e poderiam ser quantificadas formando um modelo¹⁰⁶.

Em algumas situações uma variável tem maior intensidade que outra, e que para ocorrer o aparecimento de uma nova interpretação, pode ser necessário uma intensidade mínima para algumas delas.

Estas observações podem sugerir para pesquisas futuras que para cada situação pode haver uma representação gráfica do tipo “radar” que levaria em consideração as seis variáveis apresentadas neste trabalho e também suas intensidades como no gráfico radar a seguir:

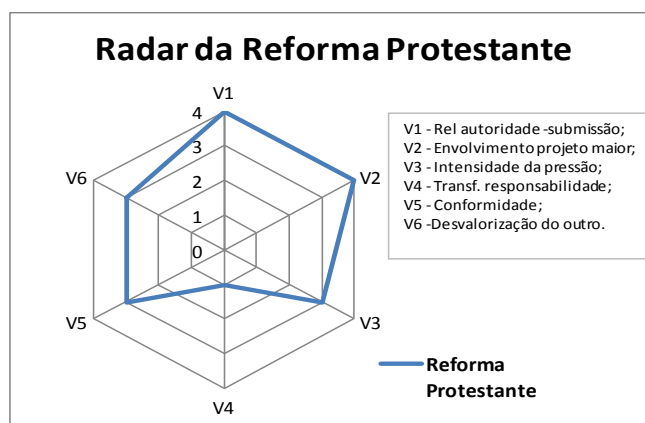


Gráfico 1 – Radar da Reforma Protestante. Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico acima apresenta as seis variáveis analisadas nesta pesquisa com eixos equidistantes formando um hexágono. Estes eixos foram divididos em 4 graus de intensidade. Cada variável tem então uma intensidade relativa a uma

¹⁰⁶ GEWANDSZNAJDER e MAZZOTTI 1998, p.73. [...] algumas vezes o modelo é formado por diagramas, figuras, objetos materiais elaborados por analogia com outros objetos [...] devido às idealizações e simplificações feitas na construção do modelo, os resultados obtidos no teste apresentarão certos desvios em relação ao que foi previsto, mas, embora o modelo represente uma imagem simplificada dos fatos, ele pode ser complicado de forma a aproximá-lo cada vez mais daquilo que realmente ocorre na natureza [...]. Desse modo, a partir do modelo, podemos corrigir uma lei e enunciar outra mais geral, da qual a lei anterior é um caso-limite, válido apenas em determinadas condições.”

determinada “pressão de influência” para aquele fato histórico. Unindo-se os pontos plotados para cada variável temos então uma área que corresponde à intensidade total de influência do conjunto das variáveis para aquele fato.

O que é exemplificado no gráfico anterior é que para a Reforma Protestante a variável V1 – Relação autoridade-submissão – tem uma intensidade 4 na sua influência psicológica, ou seja, é forte para a situação dada. A mesma intensidade é considerada para a variável V2, pois sentir-se envolvido em um projeto maior também tem um forte apelo psicológico (os valores das intensidades de cada variável são colocados apenas como exemplo).

A transferência de responsabilidade – V4 - embora presente no fato histórico, possui um apelo psicológico menor, no gráfico, apresenta intensidade 1.

Desta forma, as variáveis formam um todo que fazem entre si uma área que representa a intensidade de todo o grupo das 6 variáveis para aquele fato histórico e que resultou em uma nova interpretação.

Poderíamos também induzir que haveria uma área mínima para cada fato histórico abaixo da qual nenhuma nova interpretação apareceria, pois não haveria uma estimulação suficiente para impor uma mudança.

Fundamentado no que foi exposto nesta pesquisa, poderíamos assim, propor o “radar de Qumran”, o qual teria a seguinte configuração baseada na análise subjetiva do pesquisador:

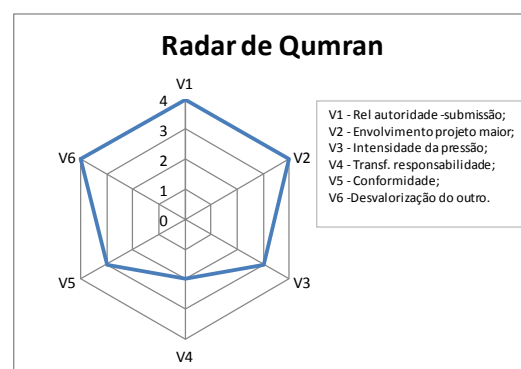


Gráfico 2 – Radar de Qumran. Fonte: Dados da pesquisa

A relação autoridade-submissão recebeu uma intensidade 4, pois conforme depreendido do texto do *peshar* de Habacuque, a imagem apresentada do Mestre da Justiça é quase idolátrica para aqueles pertencentes à comunidade.

O envolvimento em um projeto maior também recebeu intensidade 4, pois a esperança do grupo qumrânico era fortemente de cunho escatológico, praticamente justificando toda a sua forma de viver.

A pressão gradativa exercida na comunidade recebeu intensidade 3, porém ainda alta, devido à rigidez das regras adotadas e o rigor da disciplina para aqueles que se desviarem dos padrões interpretativos estabelecidos.

A transferência de responsabilidade, embora presente na comunidade, foi considerada de baixa influência coercitiva.

A conformidade recebeu um grau de intensidade 3, pois sendo uma comunidade com visão escatológica, os acontecimentos a respeito da quebra de santidade e profanação do templo tinham um forte apelo para adoção de interpretações de cunho “restauração escatológica”.

Dada a rigidez com que o grupo aplicava suas regras, suas críticas àqueles que viviam de modo ímpio e a maneira como desvalorizava o partido de oposição em Jerusalém, a comunidade possuía uma intensidade crítica forte e portanto, de uma pressão para interpretação *ad hoc*, por isso foi considerado também de intensidade 4 a variável V6.

Assim, se simularmos a existência de uma área menor no gráfico radar de Qumran, como supor que o Mestre da Justiça não tivesse o nível de autoridade que possuía (reduzindo a intensidade de V1), a nova interpretação apresentada no *peshet* de Habacuque não teria se fixado e obtido tanta influência na vida da comunidade por falta de uma pressão psicossocial mínima para imposição da mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDR, Hannah. *Eichmann in Jerusalem. A report on the banality of evil*. New York: Viking Press, 1963.

ASCH, Solomon. *Asch Conformity Experiment*. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=QcmvbXgmdsU>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2013.

BAIGENT, Michael e Leigh, Richard. *As intrigas em torno dos manuscritos do Mar Morto*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

BEN-AMI, Yaron. *The Enigma of Qumran*. Disponível em http://www.bibleinterp.com/articles/Ben-Ami--The_Enigma_of_Qumran.htm . Acesso em 9 de dezembro de 2012.

CHAMPLIN, Russel Norman e Bentes, João Marques. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. São Paulo: Candeia, 1997

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *Raízes da teologia contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004

CROUZET, Maurice. *História Geral das Civilizações*. Tradução Vitor Ramos. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1995

CULLMAN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Tradução Daniel Costa e Daniel Oliveira. São Paulo: LIBER, 2001

DE VAUX, Roland. *The Bible and the Ancient Near East*. New York; Darton, Longman & Todd, Ltd. 1971.

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. São Leopoldo: SINODAL, 1995.

ESHEL, Hanan. *The Kittim in the War Scroll and in the Pesharim*. Material apresentado no 4º Simpósio Internacional Orion. Janeiro 27-31, 1999. Disponível em <http://orion.mscc.huji.ac.il/symposiums/4th/papers/Eshel99.html>. Acesso em 25 de outubro de 2012.

GEWANDSZNAJDER, Fernando e Mazzotti, Alda Judith. *O Método nas Ciências Naturais e Sociais*. São Paulo; Pioneira, 1998

HORGAN, Maurya P. *Pesharim, Qumran Interpretations of Biblical Books*. Washington; The Catholic Biblical Association of America, 1979

JONES, Colin. *Paris, biografia de uma cidade*. Porto Alegre: L&PM Editora, 2012

MAGALHÃES, José Antonio Fernandes. *Ciência Política*. Brasília: Editora VESTCOM, 2009.

MARTÍNEZ, Florentino Garcia. *Textos de Qumran*. Petrópolis: VOZES, 1992;

MARTÍNEZ, Florentino Garcia e Barrera, Júlio Treballe, *Os homens de Qumran, literatura, estrutura e concepções religiosas*. Petrópolis:VOZES: 1993.

MILGRAM, Stanley. *Obedience to Authority*. New York:Harper&Row, 1974.

MILGRAM,Stanley. *Some Conditions of Obedience and Disobedience to Authority*. Disponível em: <<http://www.abdn.ac.uk/pir/notes06/Level5/IR5503/Milgram.pdf>> Acesso em 6 de julho de 2012.

MILGRAM,Stanley. *Obedience to Authority*. Disponível em: <http://www.nickoh.com/emacs_files/psychology/ss_dir/milgram1963.html> Acesso em 6 de julho de 2012.

NEWPORT, Kenneth G.C. *Apocalypse & Millennium*. CAMBRIDGE: University Press, 2000.

PETERLEVITZ, Luciano R. *Observações Literárias em Habacuque 3*. Campinas, 2009. Revista Theos – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica de Campinas.

ROBINSON, H. Wheeler. *The History of Israel, its facts and factors*. London: Thomas Nelson&Sons, 1947.

SABINI, John. *Critical thinking and obedience to authority* (paper).

SOGGIN, J. Alberto. *An Introduction to the History of Israel and Judah*. Valley Forge: Trinity Press International, 1993.

TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 1988.

VANDERKAM, James C. *Os Manuscritos do Mar Morto Hoje*. Rio de Janeiro: OBJETIVA, 1994.

VERMES, Geza. *Os Manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: MERCURYO,1997.

WEGNER, Uwe. *A Leitura Bíblica por meio do Método Sociológico*. Mosaicos da Bíblia nº12. CEDI.

ANEXO A – PESHER DE HABACUQUE – 1QpHab¹⁰⁷ - TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS

Coluna I

1. **Peso que Habacuque o profeta viu: Quanto tempo, YHVH tenho clamado, mas tu não**
2. **escutas?** A interpretação da passagem se refere a tudo o que Habacuque profetizou concernente à expectativa da geração
3. a visitação nos últimos dias.....todas as coisas que virão sobre eles.
4. **Eu a ti clamo “violência!” mas tu não salvas.** A interpretação é que eles clamam contra.....
5. **tribulação?**
6. A interpretação disto se refere.....aquele que rebelar contra Deus com opressão e infidelidade.
7. **Destruição e violência estão diante de mim, há lutas e as contendias se levantam.**
8. A interpretação disto
9.
10.**por isso a lei afrouxa**
11. **e a sentença nunca sai.** A interpretação disso é que eles rejeitam a lei de Deus.
12.**porque o ímpio cerca o justo.**
13. A interpretação disso: quem é ímpio é o Sacerdote Iníquo e o justo é o Mestre da Justiça.
14.**Por isso a justiça sai**
15. **pervertida** a interpretação disto...
16.**Vejam oh! Traidores**
17. **maravilha e espantem pois faço um obra nos vossos dias que não acreditarão**

¹⁰⁷ Texto original em inglês retirado de Horgan, 1979. p. 12-21. Tradução nossa. O *peshet* está dividido pelas colunas e a numeração se refere a cada linha do pergaminho por coluna. Em negrito o texto canônico do profeta Habacuque, intercalada, a interpretação sectária da comunidade de Qumran. O texto de Horgan foi escolhido em comparação ao texto de Florentino Garcia Martínez presente na sua obra *Textos de Qumran*, mais recente, pois, onde o texto no manuscrito falta, é feita uma complementação dando uma continuidade melhor no fluxo da leitura, desde que o texto faltante seja conhecido, como ocorre diversas vezes na citação do texto canônico. O texto de Martínez procura apresentar exatamente as interrupções presentes no manuscrito tomando o fluxo de leitura um pouco menos dinâmico.

Coluna II

1. **se contarem.** A interpretação da passagem se refere aos traidores juntamente com o Homem da
2. Mentira, porque eles não creem nas palavras do Mestre da Justiça que vieram da boca de
3. Deus. E se refere aos traidores da nova aliança pois eles não eram
4. fiéis a aliança de Deus, mas profanaram o seu santo nome.
5. da mesma maneira.....a interpretação da passagem se refere aos traidores nos fins dos
6. dias. Eles são os cruéis da aliança que não crerão
7. quando escutarem tudo o que está para vir sobre a última geração da boca do
8. sacerdote em cujo coração Deus colocou entendimento para interpretar todas
9. as palavras dos seus servos os profetas por meio dos quais deus enumerou
10. todas as coisas que virão sobre seu povo e sobre sua congregação. **Eis que eu levanto**
11. **os caldeus, aquela nação amarga e apressada.**
12. A interpretação se refere aos Kittim que são rápidos e vigorosos
13. Na batalha, para destruir muitos pela espada e pela fome no domínio dos
14. Kittim, e os ímpios trairão a aliança e não serão fiéis
15. aos mandamentos de Deus.
16. **que marcha sobre a largura da terra**
17. **para tomar posse de lugares de habitação que não são deles.** A interpretação se refere aos Kittim

Coluna III

1. e pela planície eles vem para destruir e saquear a terra,
2. pois isto é o que diz: **Para tomar posse de lugares de habitação que não são deles, horríveis**
3. **e terríveis são eles. Um clamor por dignidade saí deles.**
4. A interpretação se refere aos Kittim temor e horror deles estão sobre todas
5. as nações. Por desígnios todos os seus planos são para o mal e com esperteza e engano

6. eles se associam com todos os povos. **Seus cavalos são mais rápidos que leopardos e mais perspicazes**
7. **que os lobos da noite. Eles pisam o chão e seus cavaleiros se espalham à distância.**
8. **Eles voam como a águia que se apressa para devorar tudo. Eles vem para a violência, o horror**
9. **dos seus rostos é um vento oriental.** A interpretação se refere aos Kittim
10. que batem na terra com seus cavalos e seus animais. E à distância
11. eles vem, das ilhas do mar para devorar todas as nações como a águia
12. e não há saciedade. Com raiva eles se enfurecem e com ira e fúria
13. eles falam com todas as gentes por isso que
14. diz: **O horror das suas faces é um vento oriental. Eles juntam cativos como areia.**
15. A interpretação se refere aos Kittim que
16.
17.e dos reis

Coluna IV

1. **eles escarnecem e os príncipes são para eles coisa de riso.** A interpretação disto é que
2. eles zombam dos grandes, e desprezam aqueles que são honrados; reis
3. e príncipes eles zombam e escarnecem dos grandes. **E eles**
4. **riem de cada fortaleza, e amontoando terras para capturar**
5. A interpretação se refere aos governantes de Kittim, que desprezam
6. as fortificações e as gentes e riem deles com desprezo;
7. e com muita gente (i.e. os governantes de Kittim) os cercam (i.e. as fortificações) para capturá-los. E com terror e medo
8. eles (i.e. as fortificações) são dadas nas suas mãos, e eles os destrói por causa da culpa daqueles que habitam
9. nelas. **Então eles mudaram como um vento e passaram e estes fizeram o seu poder**
10. **como seu deus.** A interpretação se refere aos Kittim
11. que de acordo com a decisão de sua casa culpada, passam um
12. ante o outro. Seus governantes vem um após o outro

13. para destruir a terra. **E estes fizeram de seus poderes seus deuses.**
14. A interpretação dissotodas as gentes
15.
16.**Não és tu desde antigamente**
17. **Senhor meu Deus Santo? Nos não morreremos. Senhor,**

Coluna V

1. **Para julgamento tu o estabeleceste e como uma rocha como aquele que repreende, tu estabeleceste. Tu és puro de olhos**
2. **para olhar o mal, e para contemplar a tribulação tu não podes**
3. a interpretação da passagem é que Deus não destruirá seu povo pelas mãos das nações,
4. mas pelas mãos de seus escolhidos Deus dará julgamento de todas as nações. E por intermédio de sua repreensão
5. todos os ímpios de seu povo serão condenados por aqueles que guardaram seus mandamentos
6. na angústia. Pois isto é o que diz: **Tu és muito puro de olhos para ver**
7. **o mal.** A interpretação disto é que eles não foram infiéis seguindo os desejos de seus olhos no tempo da
8. impiedade. **Por que considera os traidores mas fica em silêncio quando**
9. **o ímpio destrói um mais justo que ele?** A interpretação se refere à Casa de Absalão
10. e seus companheiros, que ficaram em silêncio na repreensão ao Mestre da Justiça
11. e não o apoiaram contra o Homem da Mentira que rejeitou
12. a Lei entre todo o seu conselho. **E tu fizeste a humanidade como o peixe do mar,**
13. **como aquilo que se arrasta para os governar. Ele puxa para cima com o anzol e o arrasta para a sua rede.**
14. **e os reúne em sua nassa. Por isso oferece sacrifícios à sua rede, por isso se regozija**
15. **e se alegra e queima incenso à sua rede de pesca , pois por causa deles o seu quinhão é abundante**
16. **e sua comida é rica.** A interpretação disto

17.....

Coluna VI

1. os Kittim, e eles aumentam suas riquezas com todas as suas pilhagens
2. como os peixes do mar. E quando diz, **Por isso ele sacrifica à sua rede**
3. **e queima incenso à sua nassa**, a interpretação disto é que eles
4. oferecem sacrifícios às suas insígnias e suas armas militares são
5. os objetos de suas reverências. **Pois por causa deles seu quinhão é abundante e sua comida é rica**
6. A interpretação disto é que eles repartiram o jugo e
7. o serviço forçado – suas comidas – sobre todos as gentes ano após ano
8. para desolar muitas terras. **Por isso ele maneja sua espada continuamente**
9. **para destruir nações, e ele não tem compaixão.**
10. A interpretação disto se refere aos Kittim, que destroem muitos com a espada
11. jovens, homens fortes, idosos, mulheres e crianças e do fruto do
12. ventre eles não tem compaixão. **No meu posto de guarda ficarei**
13. **e ficarei de guarda na fortificação e tomarei conta para ver o que ele diz**
14. **para mim e o que ele me responde sobre a minha objeção. E o Senhor me respondeu**
15. **e ele disse: Escreve a visão e coloque claramente sobre tábuas para que aquele que corre**
16. **possa ler.** A interpretação é
- 17.....

Coluna VII

1. e Deus disse a Habacuque para escrever as coisas que irão acontecer
2. na última geração, porém o cumprimento do fim do tempo ele não fez conhecido dele.
3. E quando diz, para **que possa ler aquele que corre,**
4. A interpretação se refere ao Mestre da Justiça, a quem Deus fez conhecidos
5. todos os mistérios das palavras de seus servos os profetas. **Pois a visão**
6. **é para um tempo determinado e testifica para o fim dos tempos e não falhará**

7. a interpretação significa que o final do tempo será prolongado e será maior do que qualquer coisa
8. que os profetas disseram, pois os mistérios de Deus são maravilhosos.
9. **Se tardar, espera, pois certamente virá não**
10. **tardará.** A interpretação se refere aos homens da verdade,
11. aqueles que observam a Lei, cujas mãos não se afrouxam no serviço
12. da verdade, que o fim dos tempos chegar
13. pois todos os acontecimentos no final dos tempos acontecerá de acordo com a ordem fixada como ele decretou
14. para eles nos mistérios de sua prudência. **Eis que sua alma está negligente, não reta**
15. **dentro dele.** A interpretação é que eles o dobram sobre eles
16.mas não acharão favor nos seus julgamentos.....
17.**o justo viverá da fé**

Coluna VIII

1. A interpretação é que todos os que observam a Lei na Casa de Judá aos quais
2. Deus salvará da casa do julgamento por causa da tribulação deles e fidelidade
3. ao Mestre da Justiça. **Ainda mais que a riqueza trai o homem arrogante**
4. **é incomparável, quem abre a sua garganta como o sheol, como a morte, ele não pode ser saciado**
5. **todas as nações são reunidas ao seu redor, e todas as gentes juntas para ele.**
6. **Não levantarão escárnios contra ele e interpretadores de enigmas sobre ele?**
7. **Que dizem: ai daquele que multiplica o que não de si próprio. Quanto tempo ainda ele se sobrecarregará de**
8. **dívida.** A interpretação se refere ao Sacerdote Iníquo, que
9. foi chamado pelo seu verdadeiro nome no início do seu ministério, mas quando governou
10. em Israel, se tornou arrogante, abandonou Deus, e traiu os estatutos por causa

11. das riquezas. Ele roubou e juntou a riqueza dos homens de violência que se rebelaram contra Deus,
12. e apanhou as riquezas das pessoas para juntar a si mesmo pecado. E os caminhos abomináveis
13. ele perseguiu com toda sorte de impurezas. **Não acontecerá que teus credores se levantarão?**
14. **Aqueles que fazem você tremer não acordarão e te farão de espólio?**
15. **Pois você espoliou muitas nações, mas todo o resto das gentes espoliarão você.**
16. A interpretação dessa passagem se refere ao sacerdote que rebelou
17. e transgrediu os estatutos de Deus, espoliando muitas pessoas mas elas a espoliarão.

Coluna IX

1. sua ferida devido aos más julgamentos. E horrores de doenças más
2. estavam nele e atos de vingança em sua carne decaída. E quando
3. diz: **Pois você espoliou muitos povos, mas todo o restante dos povos espoliarão você,**
4. a interpretação se refere aos últimos sacerdotes de Jerusalém,
5. que juntaram riqueza e lucro espoliando as pessoas;
6. mas no fim dos dias suas riquezas junto com seus espólios serão dados nas mãos
7. do exercito de Kittim. Pois eles são o resto das gentes.
8. **Devido ao derramamento de sangue e violência feita a terra, a cidade e a todos os seus habitantes.**
9. A interpretação se refere ao Sacerdote Iníquo a quem – devido ao erro feito ao Mestre da
10. Justiça e seus companheiros – Deus deu nas mãos de seus inimigos para humilhá-lo
11. Com o mal de aniquilação em desespero, porque ele agiu impiamente
12. Contra os seus escolhidos. **Ai daquele que faz um lucro iníquo para sua casa, colocando**
13. **sua rede acima para se livrar do alcance do mal. Vergonha planejaste**

14. **para sua casa destruindo muitas nações e pecando contra a tua alma porque**
15. **as pedras das paredes gritarão, e responderão as vigas de madeira.**
16. A interpretação da passagem se refere ao sacerdote que....

Coluna X

1. de forma que suas pedras são construídas pela opressão e estucadas pelo roubo. E quando
2. diz. **Destruir muitas pessoas e a sequência da própria vida,**
3. a interpretação é: Esta é a casa do julgamento. Deus dará
4. seu julgamento no meio de muitas gentes e de lá ele o trará para julgamento,
5. e no meio deles ele o condenará como culpado e com fogo de enxofre ele o punirá. Ai
6. **daquele que constrói uma cidade com sangue e funda uma cidade com iniquidade. Não são**
7. **estes da parte de Deus dos Exércitos? As pessoas se cansam para o fogo**
8. **e as nações se fadigam para nada.**
9. A interpretação desta passagem se refere àquele que divulga a mentira , que causou muitos errarem,
10. construindo uma cidade de vaidade com derramar de sangue e estabelecendo uma congregação com engano,
11. para a sua glória fazendo muitos se esforçarem no serviço da vaidade e enchendo-os
12. com obras de mentira, como resultado que seus esforços são para nada, de forma que eles vem
13. para os julgamentos de fato, porque eles maltrataram e difamaram o eleito de Deus.
14. **Porque a terra se encherá com o conhecimento da glória de Deus, como as águas**
15. **cobre o mar**.....a interpretação da passagem
16. quando eles retornarem.....
17.aquele que divulga

Coluna XI

1. a mentira, e depois o conhecimento será revelado para eles em abundância, como as águas do
2. mar. **Ai daquele que leva a seus vizinhos beber bebida misturada**
3. **veneno, na verdade, embebedando-os para que ele observe suas festas.**
4. A interpretação se refere ao Sacerdote Iníquo que
5. perseguiu o Mestre da Justiça - para destruí-lo com a sua fustigação venenosa-
6. para seu lugar de exílio. E ao final da festa, durante o descanso do
7. Dia da Expição, ele apareceu para eles para destruí-los
8. e fazê-los cair no dia do jejum, no sábado deles. **Você será saciado**
9. **com desonra mais do que glória. Beba então você mesmo e cambaleie.**
10. **A taça da mão direita de Deus virá contra você e desgraça virá**
11. **sob tua glória.**
12. A interpretação se refere ao sacerdote cuja vergonha prevaleceu sobre a sua glória,
13. porque ele não circuncidou o prepúcio do seu coração, mas andou nos caminhos
14. da embriaguês para matar a sua sede, porém o cálice da ira de
15. Deus o vai consumir aumentando toda a sua vergonha e ferida.
16.
17. **Porque a violência cometida contra o Líbano te cobrirá e o assalto dos animais**

Coluna XII

1. **destruirá, por causa do derramamento de sangue e violência feita a terra, a cidade e a todos os que habitam nela.**
2. A interpretação da passagem se refere ao Sacerdote Iníquo – para pagar a ela
3. o que é devido por tratar impiamente com os pobres; pois o Líbano é
4. o conselho da comunidade e os animais são os simples de Judá, aqueles que observam
5. a Lei – ele é quem Deus sentenciará para completa destruição

6. porque ele tramou destruição completamente para os pobres. E quando diz: **por causa do derramamento de sangue da**
7. **cidade e a violência feita a terra**, a interpretação é: a cidade é Jerusalém,
8. onde o Sacerdote Iníquo cometeu feitos abomináveis e cometeu sacrilégio
9. ao santuário de Deus. E a violência feita a terra refere-se as cidades de Judá, onde
10. ele roubou a riqueza dos pobres. **Que benefício traz um ídolo quando seu artífice o torneou**
11. **uma estátua derretida e uma imagem ou falsidade? Pois o artesão confia nas coisas que faz,**
12. **moldando ídolos mudos**. A interpretação da passagem se refere a todos
13. os ídolos das nações, os quais eles fizeram para que os servissem e se curvassem
14. diante deles, mas eles não os salvarão no dia do julgamento. **Ai**
15. **daquele que diz ao madeiro: Acorda! Levanta! para a pedra muda.**
16. **é isto um mestre? Eis que é coberto com ouro e prata, ainda**
17. **não há fôlego nele mas Deus está no seu santo templo.**

Coluna XIII

1. **Toda a terra fique em silêncio diante dele.** A interpretação se refere a todas as nações
2. que tem servido a pedra e ao madeiro, porém no dia do
3. julgamento Deus varrerá completamente todos os que servem ídolos
4. e os maus da terra.

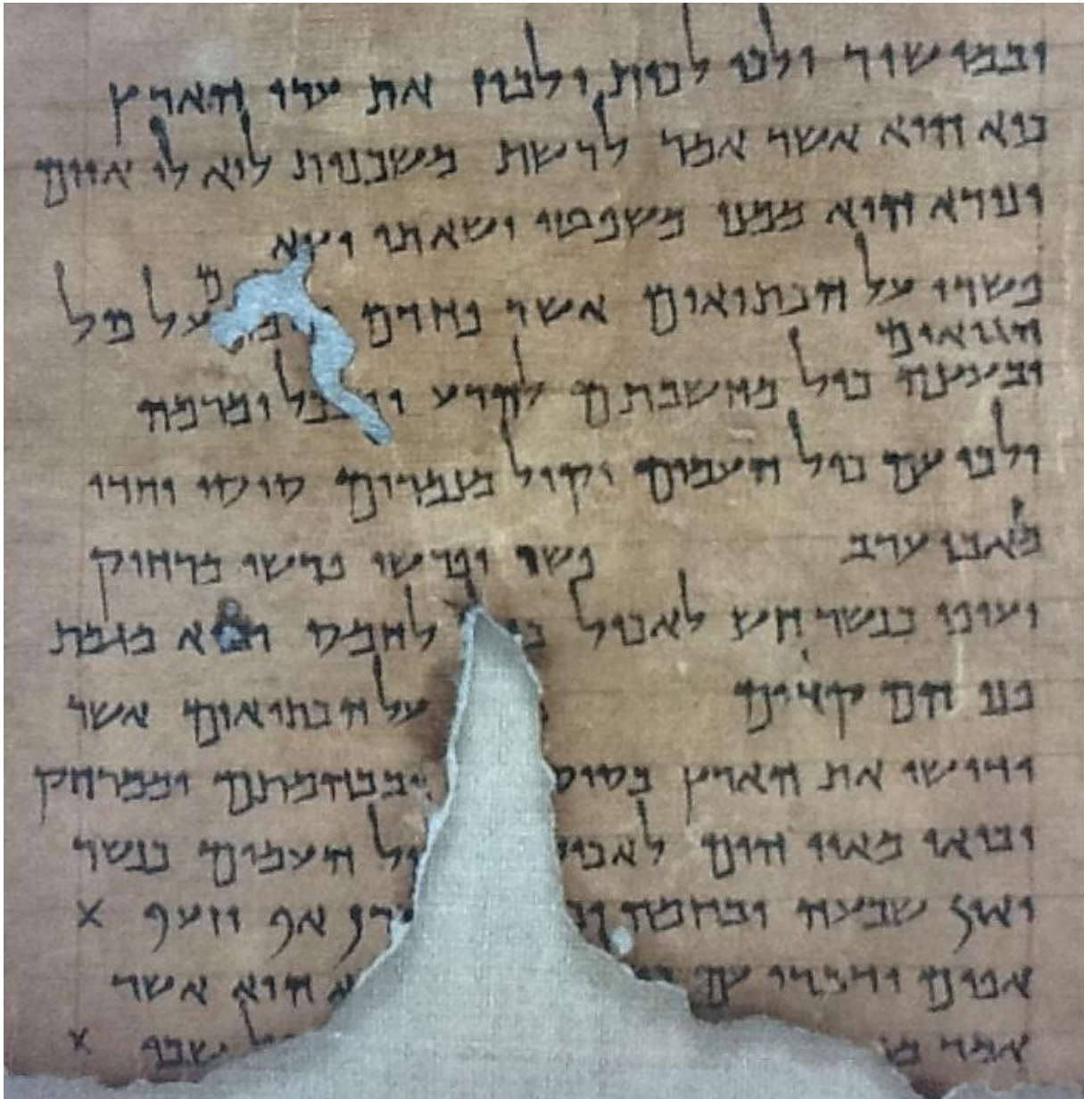
ANEXO B – PESHER DE HABACUQUE – 1QpHab¹⁰⁸ - FAC-SÍMILE

COLUNAS I e II



¹⁰⁸ Fac-Símile obtido do sítio do Museu de Israel – Jerusalém de acordo com os termos de licença conforme transcrito: *Website, text, and photos © The Israel Museum, Jerusalem, 2011 All rights reserved. No part of this website may be downloaded, copied, or reproduced in any form, analog or digital, without the permission of the Israel Museum, Jerusalem, with the exception of single copies for research or private study. Copyright in the digital images of the manuscripts, created by the Israel Museum and displayed on this site, is held by the Israel Museum. Reproducing these digital images in any manner other than for research or private study requires prior permission or licensing.*

COLUNA III



COLUNA IV

וקלם ורשעך כשחק לו כמורה אשור
 ולעזר על רשעך וצור על נבזיון בעלפס
 וקלסך ותעתש וקלסו בעת רב וקלס
 לטל זכר ושחק וצור עבד ה' לטור
 כמורה על זושלו המתושם אשור וצור על
 זכריו העשין זכר עג ושחנקו עלותן
 ובעת רב וקלסך לתשטם זכרית זכר
 זנתו טרם וחדיון בעון חזקטם
 כחך או חלק רוח העבר וקלסך זה טח
 לאלוהו כמורה זושלו המתושם
 אשר בעת טת אשם ועבורו אוש X
 כמורה רעמו זושלו וקלסך וקלסך
 לשחית את וקלסך וקלסך לאלוהו
 כמורה X

COLUNA V

למשפט אפתי וצור לצניחיו וסדיתו בחדור עשן
 בלאות ציע והבט אל עמל לוא תוכל
 פאר חדברי אשר לוא זכיה אל את עם' ביה חגיוס
 ונר בחדור ותן אל את צאבט פל חגיוס ונתנבותם
 ואשנר ב' דשע עפר אשר שפיר את צניחוט
 כיע לני ביה חווא אשר אפן בחדור עשם בלאות
 ציע פאר אשר לוא זע אחר עטודם בקין
 חרשעוד לפח תבטור בוגיוס ותחדוש צלע
 דשע ציוק צנע פאר על בנת אבשלוס
 זאנאו עשם אשר עפר בתונות צורה חטק
 ולוא שדודור על אש חטב אשר צאפ את
 חטרה, טנד ביל ע' ותעש אים ביה חום
 ברעש לצאל צ' יח ועלז וורקונחור
 ויסנדו לחדר על ב' וספח
 יע תיקו

COLUNA VI

ונתתאם ויסופו את הושע ישי כול שלום
 באת ודום ואשר אפי על מן וזגז לחי
 ויקטר לפנפרתו בשאר אשר חפז
 ונחום לאותותם וכלו בלחפזותם חפז א
 בראם נרא בדתם אפי חלקו יצאכלו ברי
 בשאר אשר הושע בחלקותם את עולם ואת
 צום פאנים על כול העצמות אשר בשנת
 לחזקת איעת דבת על כן ודיק חרצת תפיר
 לשאר ויום ילוא חפז
 בשאר על ונתתאם אשר ואפי דבתם בחריב
 בעולם אשויים וזקנים שאים זמר ועל כן
 כמן לוא דדתם על פאפיתו אעפודיח א
 ואחפוד על עפודו ואפי לראת כח ופרי
 כן ופרי לך בחות וועש פפא
 על חלוחות לעין ופרי

COLUNA VII

וידבר אל וזכרון לכתוב את הנשאת על
 על הדוד האחרון זאת ובר הקץ לוא הודיעו
 ואמר אשר לפעם הקוראנו
 בשךו על פרה היצק אשר הודיעו אל את
 צל דוד וציר עבדו הנבואם ברא עיר חזון
 לפעם דפח לקץ ולוא וטב
 נארו אשר וארוך הקן האחרון ודור על כול
 אשר וציר הנבואם ברא דוד אל לחמה
 אם הנבואם חנד לו ברא ברא וברא וליא
 נארו על אנשא ונפת
 דאחר
 עשר התורה אשר לוא ודפ ודוחם בעצרת
 דאבת בנפש שלוחם הקץ האחרון ברא
 של קוב אל וצא לתנעם נארו הקץ
 וציר עבדו חנד עובדו לוא ונפישו
 נארו אשר ונפלו עבדו

COLUNA IX

טעו בשיעור לשון ושעוריות בחילוף א
 דעון עשו ב וקצות בגות בשדו זאמר
 אשר ב אתה קלותה וזון דבן הישלוסה על
 ותי עצים פארו על עותק ודושלך
 האחיזתם אשר וקבצו חזו ובע פקל העצם
 ולאחיזת חושם דמן חזם עת יללם בוד
 חיל המטאם נא חזק ותי העצם
 שיש אדם וחפס אין קדוח זנ בוד
 פארו על חכוח ה שע אשר בלי פדח
 חטיק ואנשו עטר נתט אל בוד חזשה לעשו
 בבע לבליה בפדוחו נפא בעבור אר חקשו
 על בחורו חזו היצע בעע דעל ותי לשון
 בשדוך קע לבנ דגד דע וענתה בשות א
 לפתנה קעות עש דבן וחוסו אבה נא
 א סוד חזק ופס נאין
 אש

COLUNA XI

חטב ואל תגלה לוחך והדעת בני
 והינך לרב והיו פקקו דעודי נסמח
 חסתי אף שני לבע חטב אל מעדווחם
 פשרו על חטון הרשע אשר
 דרך אחר בידך היציק לבלע נבעם
 חסתי אבות גלות ובקץ מעד נעשות
 זים חבוריך הוטע אלוהים לבלעם
 ולבישולם טיפ עם שנת נעחותם סבעת
 קלון פני שנת וכן אתה והדעל
 תחיל עלוניה טמ ופני אצא וקוקלון
 על נבדנה
 פשרו על חטון אשר וכן קלונם לנבדנה
 טמ לוא כל את שור לת לט וילך בידם
 ודרווח לפני ספת חטונם וטמ חסתי
 לתבלעם לויס

COLUNA XII

וחתה כיצו אים וחכס ארץ קרוה וטל ויטבבה
 כשר הדבר על חסות הדשע לשלח לו את א
 גבר לו אשר גבר על אצונעם טאה לשנודוא
 ענת דודוד וחבדנות חכס פתא וחודיה עראת
 חטודו אשר דשופטט אל לבוא
 באשר זכר לבית אצונעם דאשר אצו כיצו
 קרוה וחכס ארץ כשרי חקרוה הוא וירשלם
 אשר פעל בו חכודץ בעשו טעצות וטבא את
 זקנא אל וחכס ארץ חכוד שר וחודיה אשר
 אל חכס אצונעם בו חודעול פסל טאפל וטו
 פמ בו וציר שקר טא פטא זיע דעריר עלודו
 לעשות אלולום אלפום כאר חודבר על קיל
 פמלו חודיום אשר וצונע יטובים וישתחית
 לחכוד וטבא לוא דעילום ביום חכוד
 חכוד חכוד

COLUNA XIII

וְשֵׁשׁ עָשָׂר יָמִים וְשֵׁשׁ עָשָׂר יָמִים
 אֲשֶׁר עָבְרוּ אֵת הָאָרֶץ וְהָיָה
 הַיָּמִים אֵלֶּיךָ אֲשֶׁר תִּשְׁמָע
 אֶת הַקּוֹל אֲשֶׁר יִשְׁמָע